

E-BOOK

HISTÓRIAS VIVIDAS

Pessoas LGBTQ+ Existem
em Angola e são importantes

2ª
EDIÇÃO

HISTÓRIAS VIVIDAS

Pessoas LGBTQ+
Existem em Angola
E são Importantes



Ficha Técnica:

**Título: Histórias Vividas: Pessoas LGBTIQ+
existem em Angola e são importantes**

Autor: Arquivo de Identidade Angolano

Revisão: Líria de Castro, Maria Bondo

Edição: Isvânia Morázia e Líria de Castro

Designer de capa: Victória Marques

Paginação: Independente

Projecção de Marketing:

ISBN: 9789-8991-33198

Depósito Legal: 12430/2024

2ªEdição: 2025

Copyright ©2025by –

Todos os direitos reservados

Contactos do autor: 937 574 608

Email: arquivodeidentidadeangolano@gmail.com

*Caro leitor, nenhuma parte desta obra poderá ser, total
ou parcialmente, reproduzida por qualquer meio sem a
prévia autorização. A violação dos direitos autorais
constitui crime e é passível de procedimento judicial.*

Quem Somos

Somos uma Associação de mulheres LGBTIQ+ feministas (Lésbicas, Bissexuais, Transgénero, Intersexo e Queer), criada em 2017, no intuito de celebrar as múltiplas identidades das mulheres angolanas. Socialmente conhecida como Arquivo de Identidade Angolano, que obteve o seu registo legal em 2021 com a denominação de Associação para Defesa das Mulheres e dos Povos.

Missão

Promover, os direitos das mulheres LGBTIQ+, bem como criar e disseminar conteúdos sobre género e sexualidade no contexto angolano e africano.

SUMÁRIO (Autores)

PREFÁCIO.....	09
UMANA.....	11
LIRA CORTÊZ.....	38
DISSO_ART.....	60
ESPERANÇA MEBA.....	74
MANUEL EDMILSON.....	96
HUGO ALEXANDRE VIEIRA CHILIVA.....	114
RASHAAD FERNANDES.....	128
ISVÂNIA MORÁZIA.....	148

HISTÓRIAS VIVIDAS
Pessoas LGBTQ+ Existem
em Angola e São Importantes



PREFÁCIO

Em espírito, lembramos quem somos ao arquivar nossa experiência e resistência.

Arquivar histórias em forma de memória é mais do que celebrar a existência de corpos historicamente marginalizados, é um ato de resistência. É resgatar vivências, é dar nome às dores, é reconhecer a coragem de quem vive e sobrevive à margem de um mundo que insiste em apagar. Esta Terra que chamamos de nossa, africana e angolana, guarda vozes que o tempo tentou silenciar.

Escrever é mais do que falar. É marcar no papel aquilo que nos atrave-ssa, aquilo que se recusou a morrer mesmo quando foi esquecido. Registrar memórias, sobretudo quando partem de corpos marginalizados, é um mergulho profundo em nós mesmos e nas muitas formas de contar e recontar nossas próprias histórias.

Está coletânea é feita de pessoas. Pessoas que vivem, sentem e constroem a partir de lugares distintos, sociais, acadêmicos, profissionais e culturais. É, antes de tudo, um livro de memórias angolanas. Um arquivo vivo que rompe com a falsa ideia de que nunca

existiram pessoas LGB-TQIA+ na nossa história. Aqui, criamos espaços de existência e de persistência. Este livro é uma ferramenta de criação de novos saberes, uma forma de preservar aquilo que a violência tentou calar. Como bem diz Milton Santos:

“O espaço assegura a continuidade... a própria história se torna um enredo, em esses espaços, cada vez mais cheios de seres que criam uma nova ordem.”

Ao reconhecermos e reivindicarmos esses espaços, abrimos caminho para que os nossos corpos existam fora das molduras impostas. Não apenas existam, mas sejam vistos, sentidos, afirmados. Damos lugar às nossas identidades como forma de memória viva.

As histórias aqui partilhadas são reflexo de uma evolução coletiva, de uma caminhada feita com coragem e afeto.

São, antes de tudo, um acto de desobediência.

E, acima de tudo, são uma revolução.

Líria de Castro

UMANA CIAGA



Biografia

Umana Ciaga é um artista Queer angolano, cantor e compositor, nascido a 17 de Novembro de 1999, na província de Luanda.

Com uma sonoridade que combina Rap e Hip-Hop, cria um estilo único, marcado pelas suas vivências pessoais e pelo compromisso com a arte como forma de expressão e resistência. Além da sua trajetória musical, Umana destaca-se como ativista, utilizando a sua voz na luta pela visibilidade e pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+ em Angola, um país onde esses temas ainda enfrentam grande resistência.

Com uma abordagem autêntica e uma estética que desafia normas, usa as suas canções para questionar preconceitos, promover o amor próprio e dar voz a questões sociais urgentes.

Tirem o acento do amém e amem

Sou Umana Ciaga, artista Queer, cantor e compositor, nascido no dia 17 de Novembro de 1999, na província de Luanda. Expresso-me através do Rap e do Hip-Hop, onde transformo vivências em arte e resistência.

Primeiramente, agradeço aos meus pais por me terem permitido viver uma infância maravilhosa. Sempre fui um menino alegre, divertido e amado por muita gente. Brincava de boneca, mete e tira, garrafinha, Miss, “zera” e outras brincadeiras da infância. Agradeço por não me terem impedido de ser livre quando criança.

Foram momentos felizes e marcantes para mim. Obrigado por não me terem tirado isso. Hoje lembro-me de tudo e consigo sorrir, saber que podia correr para todo o lado sem medo de tropeçar, porque vocês estavam por perto.

Gratidão!

Os meus pais separaram-se quando eu tinha 8 anos de idade, e aos 10 anos comecei a perceber que as pessoas olhavam para mim de um jeito diferente, na escola e na rua. Sem entender, perguntava-me: O que está a acontecer? Porque é que o meu jeito de ser incomoda?

Foi então que percebi que era diferente dos meus irmãos e de outros rapazes ao meu redor. Comecei a isolar-me de tudo e todos.

Com 13 anos, comecei a entender quem realmente era e descobri que sou gay, um menino que sente atração sexual e afetiva por outros meninos. Assustado com essa descoberta, decidi informar-me mais sobre a minha orientação sexual. Entre os 15 e 16 anos, já tinha a certeza de quem era e conseguia falar sobre o assunto com qualquer pessoa e em qualquer lugar. Sentia-me mais seguro na rua do que em minha casa.

A minha própria casa. A minha família. Um lar onde deveria sentir-me livre e seguro. Onde deveria poder confiar. Esse foi o meu maior desafio, porque, desde pequeno, ouvia das pessoas que amo que eu podia ser tudo, menos aquilo que eles não aceitariam ter por perto. Isso é muito assustador.

Não foi fácil. Não é fácil. E não será fácil.

Não tinha coragem de contar aos meus pais.

Quando estava confuso, não sabia a quem perguntar.

Quando precisava de um colo, não tinha para onde chorar.

Quando queria desabafar, não tinha ninguém para me ouvir.

Quando estava com medo e precisava de um abraço, não tinha ninguém ao meu lado para me abraçar.

Quando me sentia um completo estranho, não tinha ninguém igual a mim para me representar.

Medo. Muito medo de os dececionar. E eu era só uma criança.

Eles perguntam-se por que não confiamos neles e não lhes contamos sobre a nossa sexualidade antes, mas esquecem-se de que são eles que põem barreiras. Eles dizem em voz alta que somos aberrações. Quando veem alguém igual a nós na TV, são os primeiros a julgar, a rejeitar e a reprovar.

Como confiar?

Se não contamos antes, é porque tínhamos medo da vossa reação.

É porque nos importamos e temos medo de vos perder.

Tudo o que queremos é viver num mundo onde possamos ser nós mesmos, todos os dias.

Onde possamos sentir-nos seguros e livres para estar com quem quise-rmos.

Onde possamos amar e ser amados sem medo de sermos crucificados.

Onde possamos construir família sem sermos julgados.

Afrogay

Em 2018, decidi criar uma página no Facebook com o nome Afrogay, que, em poucos meses, tornou-se a segunda página LGBTQIAP+ mais seguida de Angola. Em terceiro lugar, estava a página Senso Gay.

Criei o Afrogay com o objectivo de ajudar as pessoas que enfrentam o preconceito e a homofobia. Eu tinha apenas 18 anos e nem sequer era assumido na minha família. Não fazia ideia de que as pessoas me levariam a sério, até que me vi em vários encontros com diferentes tipos de pessoas e idades. Conversava, respondia a perguntas, ouvia, chorava, ensinava e aprendia com todos eles.

Marcava encontros em lugares públicos com adolescentes confusos com a sua sexualidade, jovens e adultos a enfrentarem o preconceito, homens e mulheres de família cansados de viverem em segredo. Era tanta responsabilidade que tive medo de cometer um erro ao passar informações ou dar conselhos, porque eles acreditavam e confiavam em mim. E o que mais me admirava era saber que não se importavam com a minha idade.

Conheci muita gente por intermédio desta página. Tudo estava a correr bem, até que um dia o meu perfil foi hackeado e a página eliminada.

Sei que há dias difíceis, em que te sentes no fundo do poço.

A tristeza chega sem aviso, e, de repente, parece que nada faz sentido.

Tudo à tua volta desaba, e sentes-te a cair num buraco sem fim.

Queres ser quem realmente és, mas o medo de decepcionar aqueles que amas prende-te. É como se o mundo inteiro estivesse contra ti.

Há momentos em que as forças te falham.

Há dias em que as lágrimas caem sem explicação e te revoltas até com Deus. “Por que me fizeste assim?”

No meio da família e dos amigos, sentes-te sozinho, porque ninguém parece compreender-te. E surge a dúvida cruel: Será que vale a pena continuar?

Mas eu digo-te: vale, sim.

A resposta está dentro de ti.

Coloca-te em primeiro lugar, aprende a amar-te como és e segue em frente.

Tu mereces ser feliz, livre e verdadeiro contigo mesmo.

Sair do Armário

Sair do armário significa assumir a tua sexualidade para o mundo.

Assumir-se gay, bissexual ou transexual é um processo profundamente pessoal.

No dia 31 de Dezembro de 2018, o meu tio descobriu a minha orientação sexual através da minha irmã mais nova e dos meus primos. Ele contou ao meu pai de uma forma cruel e desumana. Disse-lhe que eu fazia parte de um grupo de jovens que se transformam em mulheres e matam pessoas para ganhar dinheiro. Disse também que eu era muito rico.

Fiquei em choque ao ouvir aquelas palavras. Não entendia de onde vin-ha tanto ódio, tanta maldade. Ele não pensou nas consequências, não se importou com o impacto que aquela mentira teria na minha vida.

Passei o réveillon em casa, isolado e cheio de raiva. No dia seguinte, conversei com o meu pai, e ele tentou dar a entender que estava tudo bem. Mas eu sabia que não estava. Pouco depois, ligou para a minha mãe e contou-lhe tudo. Até hoje, não sei qual foi a versão da história que ele lhe contou.

A minha mãe, por sua vez, contou aos meus dois irmãos mais velhos, e aí começou a minha luta.

Primeiro, chamaram uma senhora de Malanje, que fazia tratamentos tradicionais para "mudar" a minha

orientação sexual. Obviamente, não funcionou. Depois, levaram-me para uma suposta "igreja" que, na verdade, era uma casa escura e isolada.

Fiquei lá durante duas semanas. Era uma casa de chapa, no meio do nada, onde dois casais se autoproclamavam "pastores". Foi uma experiência horrível. Eu sentia-me humilhado, sujo, revoltado.

Acordavam-me às três da manhã para tomar banho ao ar livre, debaixo de um frio intenso. A água era gelada, e colocavam nela pó, perfume e outras substâncias desconhecidas. Fizeram o mesmo com a minha água potável.

Os dias passavam, e eu sentia-me cada vez mais cansado. O sono era constante, a minha pele escurecia, o meu corpo parecia estranho. Quando percebi que aquilo não me afetava apenas fisicamente, mas também psicologicamente, soube que precisava de sair dali.

Fugi.

Corri para a casa da minha mãe, peguei nas minhas coisas e saí sem olhar para trás. A homofobia e o preconceito tinham cegado a minha própria família, e eu estava a fugir por sobrevivência.

Sem ter para onde ir, liguei para a minha amiga Jay. Ela acolheu-me em sua casa, no Calemba 2. Mas eu já não era o mesmo. Entrei numa depre-ssão profunda, sentia-me perdido, esgotado, sem forças para continuar.

Lembro-me de estar deitado na cama dela, a chorar e a discutir com Deus.

"Senhor, estou cansado. Peço-Te um sinal esta noite. Se for para contin-uar, dá-me uma resposta. Se for para

desistir, amanhã volto para casa da minha mãe e acabo com tudo. Assim, eles finalmente livram-se desse 'peso' na família."

Minutos depois, Jay entrou no quarto.

— Pablo, podes acompanhar-me?

— Não me apetece sair da cama.

— Por favor, faz um esforço.

Levantei-me e fui com ela até um salão de beleza. Lá, ela apresentou-me a Marina Candeia, dona do salão e psicóloga. Conversámos e chorá-mos juntos.

Marina percebeu que eu precisava de sair daquele quarto, daquela triste-za profunda. Levou-me à igreja, e, através da oração, senti-me finalmente livre. Depois, ofereceu-me um emprego.

Fiz uma formação de manicure em um dia, e no dia seguinte já estava a trabalhar. Aprendi o básico rapidamente e fui aperfeiçoando com o tempo.

Durante três meses, fiquei a viver na casa de Jay, onde fui bem recebido pelas suas irmãs, Amélia e Santa. Também fui acolhido pela Marina e pela sua família — cristãos que me trataram com um amor e união que nunca tinha visto antes.

Depois desse tempo, decidi regressar a casa dos meus pais. Acreditei que estariam preocupados comigo. No dia da minha despedida, a mãe da Marina olhou-me nos olhos e disse:

"Filho, por favor, nunca mais penses em tirar a tua vida. Eu tenho cinco meninas, mas, se Deus me tivesse

dado um rapaz, eu escolheria a ti. Sem mudar nada em ti. Se os teus pais não te aceitarem, lembra-te que a porta da minha casa estará sempre aberta para ti."

Quando cheguei a casa, os meus pais olharam para mim como se eu nunca tivesse saído. Como se tivesse estado fora apenas algumas horas. Isso doeu. Foi nesse momento que percebi que o amor deles por mim tinha esfriado.

Em 2022, tive uma grande discussão com a minha mãe. Ela disse-me coisas que me magoaram profundamente e, no fim, expulsou-me de casa. Tornei-me um estranho para a minha própria família. A influência dos meus irmãos mais velhos sobre os meus pais só piorou a situação.

Eu precisava recomeçar.

Encontrei abrigo na casa de uma amiga no Simeone. Lá, fui bem recebido pela sua mãe, tia Juliana, e pela sua irmã, Fátima.

Com o apoio de amigos e das minhas duas irmãs de coração, Alzira e Ana, consegui levantar-me novamente. Elas mostraram-me o verdadeiro significado de família. Porque família não é quem te põe no mundo, mas quem está ao teu lado quando mais precisas.



Serei eternamente grato por vocês!

Durante o ensino médio eu tive que suportar a homofobia de um professor de Direito, todos nas suas aulas fazia discursos homofóbicos, eu não podia fazer nada no princípio a não ser ouvir.

Ouvir o professor a dizer aos alunos que os homossexuais precisam morrer.

Ouvir o professor a prometer que se houvesse um aluno homossexual na turma reprovaria direto.

Eu buscava entender o porque de tanto ódio, raiva e amargura que o professor tinha contra os homossexuais e no final acabei por descobrir.

Voz... você precisa ter voz.

Em 2018, eu era um jovem com uma vida normal, sonhos e metas a alcançar. A família elogiava o meu comportamento, parecia um anjo, mas quando descobriram a minha sexualidade tudo mudou para pior.

Eu poderia parar por aí, desistir de tudo ou jogar o jogo deles.

Eu parei e pensei, não, não farei nada disso e nem vou recuar, se chega-mos até aqui é porque preciso eu vou continuar.

Tive que duplicar as minhas forças para enfrenta-los.

Eu tinha a minha verdade e eles tinham as opiniões da família, amigos e a sociedade.

Eu disse a mim mesmo, você precisa ser inteligente, não chore diante deles, mantenha a calma, tenha postura, olhe nos olhos de cada um, com um olhar firme, coloque peso na sua voz, seja atitude.

Fácil? Nunca é fácil ainda, mas enfrentar a família inteira. Eu tive que eliminar o medo, tive que crescer.

Eu tive que colocar cada um no seu devido lugar porque ninguém deve escolher o meu futuro.

Seja você mesmo todos os dias.

Eu aprendi a exigir respeito de todos, independentemente de quem sejam. Tens de me respeitar.

Não, não precisas de me aceitar, tal como eu não preciso da tua aceitação.

Aprendi que, com o tempo, as coisas tendem a melhorar. Há situações em que é possível reconstruir uma boa relação com a família, e há outr-as em que é preciso construir a própria família. Eu fiz ambas.

Hoje, tenho uma relação saudável com os meus pais e irmãos – eles respeitam-me.

Quanto à minha vida amorosa, posso afirmar que o nosso amor existe. Vivo um romance ao lado de alguém verdadeiro, cúmplice e amigo, uma pessoa com quem partilho uma história linda. E, se um dia o nosso relacionamento terminar, ainda assim terei uma bela história para contar.

Hoje sou independente. Luto para realizar os meus sonhos, sem medo e sem limitações. Tudo tem o seu tempo.

É sobre você

Hoje percebi que preciso agir por mim.

Permite-te.

Vive os teus sonhos, porque, no fim, ninguém estará realmente lá por ti. Podes tentar agradá-los, mas, no final, ninguém reconhecerá o teu esforço.

Sabes porquê?

Porque ninguém se importa. Eles apenas querem alimentar os seus egos e parecer perfeitos diante de pessoas que, na verdade, nada significam para eles.

Nós somos mais do que a nossa orientação sexual.

Somos seres humanos.

Não te limites, ninguém é igual a ninguém. Somos todos diferentes.

Vive a tua natureza. Vive a tua existência.

Não foi fácil, não é fácil e não será fácil.

Mas vale a pena.

Encontrarás a paz.

Viverás a tua realidade.

Escreverás a tua própria história.

No meio de toda essa confusão, lembrei-me de que, em 2018, ouvia histórias ainda mais pesadas do que a

minha, e, no final, algumas dessas pessoas conseguiram reerguer-se.

Foi então que percebi que podia fazer o que fazia em 2018, mas de uma forma diferente. Foi aí que decidi apostar no ativismo.

Hoje, através da minha música, abordo questões sobre a comunidade LGBTQIAP+.

Tenho uma meta nesta vida e não vou desistir até a alcançar.

Não importa o que dizem, acham ou acreditam.

Deus fez-te humano.

Olá, prazer. Eu sou Umana Ciaga.

Ser LGBTQIAP+

É tipo assim, cheguei
 Enquanto eu me enxerguei,
 descobri que sou gay.
 Não foi da noite para o dia
 que acordei e disse: podia.
 Ser alguém amável que o mundo todo odeia.
 Ser inigualável no meio de toda a plateia.
 Mas por que é que o mundo me odeia?
 Se a gente é amor, por mais que viva na dor.
 A gente é cor, por mais que viva no escuro.
 A gente é alegria, por mais que viva entre gente fria.
 A gente é família, por mais que tenha perdido a
 família.
 A gente é amizade, por mais que venha com falsidade.
 A gente é a verdade, por mais que venha com tanta
 maldade.
 A gente é força, por isso cresce depressa.
 Somos seres humanos, tal como tu.
 Agora eu pergunto:
 Por que tanto tormento?
 Eles fazem maldade e dizem o que lhes convém,
 enquanto a gente cresce, sofre e dá a volta por cima
 sem ajuda de ninguém.
 Aprendemos a lidar com a vida desde crianças.
 Onde quer que passemos, há sempre ameaças.
 Não magoamos ninguém,
 mas somos sempre vítimas de maldade.
 Dizem que não merecemos felicidade.

E por mais que nos tentem tirar a luz,
seremos sempre bons e amigos de Jesus.

Desde que Criança.

Tentam matar a nossa infância,
ocultando tudo o que nos representa.

Será que se importam mesmo com esta criança
homossexual, transsexual e bissexual?

O engraçado é que sabem que existimos,
mas escondem.
Dizem que defendem as crianças,
mas fingem que não sabem da existência
de tantas por aí,
lutando sozinhas,
com medo e dor de serem rejeitadas
por uma família que condena adultos como elas.

E na adolescência,
vivendo a pior etapa,
com a mente confusa,
gente que abusa e usa,
tentando colocá-las dentro de uma caixa.

Mas quando crescem
e rompem todas as barreiras,
perdem uma família
que nunca esteve lá
quando mais precisavam.

Não só quando apanhavam por serem elas mesmas,
mas também quando tornavam as suas vidas num
inferno,
pela ignorância da sua existência,
por não acreditarem nelas
quando a sociedade dizia que eram uma ameaça.

Enfim,
é a tal família perfeita
que só olha para o próprio umbigo.

Ai, Deus, que castigo...
Se eu não acreditasse em Ti,
nem seríamos amigos.

Eles odeiam-me tanto
que na sua casa não sou bem-vindo.

Agora, presta atenção:
acredita em quem te apoia
e te estende a mão.

Eu e tu somos união.
Então, levanta-te e luta comigo.

LIRA CORTÊZ



Biografia

Lira Cortêz (Djamila Cortêz), nascida em 21 de março de 2000, em Luanda, sonha desde os 11 anos em enveredar

pelo mundo da música, especificamente no estilo Kuduro. Aos 16 anos, interessou-se pela poesia, o que a levou a começar a compor. Atualmente, Lira é estudante de Contabilidade e Finanças e, apesar da sua paixão pelas artes e da sua veia artística, pretende manter a poesia como um hobbie.



Ela

Tantas elas
E nenhuma ainda compara-se a ela.
Busquei-te em vários poemas,
E nenhum deles
Tinha a sua silhueta.

Talvez fosse cliché demais
Dizer que o meu amor por ela
Equipara-se ao amor de Leonardo da Vinci à Mona
Lisa.

Ela
Era crespa, às vezes cacheada, mas nunca lisa.
Nunca rasa.

Dediquei-lhe
Todos os meus poemas nunca lidos,
Nunca recitados,
Mas todos intensos
E apaixonados.

Por amor a ela,
Fui poeta,
Cantor
E até mesmo pintor.

Rasguei-me
Para caber nos seus traços,

Para envolver-me
Em entrelaços

Das nossas pernas,
Dos nossos poemas.

Mas nunca amei tanto ela
Como amei o amor dela.

Olhos castanhos

Nunca soube o que era ter um coração quente,
Emoções à flor da pele.
Estava cansado demais
Para me sentir apaixonado.

Até os meus olhos
Encontrarem os seus, olhos castanhos e doces,
Deixando-me completamente hipnotizado,
Ao ponto de me questionar
Se alguma vez
Eu tinha amado.

Se não fosses tão arte,
Talvez eu não me sentisse assim,
Dentro de um questionário:

Será que eu mereço o seu amor?
Será que serei tão bom para ela, quanto ela é para mim?

Confesso que isso me deixa um pouco deprimido,
Perdido.

Faz-me questionar:

Será que eu mereço?

Talvez aqueles olhos quentes fossem a solução
Para todas as minhas aflições.
Se eu fosse capaz de amar,
Talvez eu soubesse
Como te tratar.

Mas sempre que me sinto no fundo do poço,
Os seus olhos
Mostram-me o caminho de volta,
Para, de novo, sentir
O que é "Amor".

Através dos seus olhos,
Eu aprendi a amar mais o amor do que a dor.

Desamor

Tenho a mania de chamar-lhe de "amor", mas toda
vez que sinto,
Sinto muita dor.

Talvez seja dos pés descalços
No passeio da praia,
Onde procuro-te loucamente,
Enquanto aprecio as ondas do mar,
Que lembram-me
Das estrias da tua bunda.

Nunca bunda,
E sim, uma obra de arte,
Como foi o meu a-mar-te.

Sinto vazio no teu abraço,
E sei o motivo:
É porque não é o teu.

Porque fui um tolo por deixar-te.
Escorregaste dos meus dedos,
Enquanto eu estava a apreciar-te,
Ou a olhar-te...
Não sei,
Estava focado demais em magoar-te.

Não intencionalmente.
Fui tão pouco amado,
Que esqueci-me de cuidar-te.
Vi-te a escarpar-me,
Mas estava tão ébrio que não notei
Que estavas a afastar-te.

O desamor trouxe-me o desespero,
Mas ainda te espero,
E te espelho
Em todos os corpos
Que pego e perco.

Se eu fosse capaz de amar...
Sempre fui tão bom com as palavras,
Quem dera pudesse usá-las
Para te amar,
Para que me sentisses antes
Como sinto-te agora.

De novo,
Ecoa:
"Se eu fosse capaz de amar-te."

Como me amaste...
Em cartas,
Com acções,
E com sangue.

Talvez eu amasse-te também,
De uma forma mais saudável.
Eu amaria-te tão bem...

Sempre soube tão bem os teus lábios,
Os de cima,
E os de baixo.

Se eu fosse capaz de amar-te,
Cantaria
Como nunca cantei antes.

O amor não se escreve,
Descreve-se.
É uma mentira ambulante.

Mas sente-se.

Se eu fosse capaz de amar...
Mas eu amei-te.

Tanto, que recitei-te.
Nunca foram tesouras,
Eram notas
Que compus no teu corpo,
Enquanto tocava-te,
E tu cantavas:

"AAAAA, UUUUUU," e uns tantos "AAAAIIII".

Se eu fosse capaz de amar,
Eu amaria-te.

Lágrimas

"Toda vez que os meus pés pousam no chão, a tua insanidade queima-me e traz-me de volta à realidade pesada, como se tivesse um pau no fundo da minha garganta." – disse ela, enquanto chorava.

Fiquei apavorado.

Nunca fui tão amado,
Mas sempre amei tão mal.

Escrevi cartas para ela,
Mas esqueci de sentir o amor que ela precisava.
E sempre que ela derramava lágrimas,
O meu coração quebrava-se,
Mas eu não sabia como parar.

Estava tão acostumado a errar,
Que o perdão já não me importava.

Quando nos vimos pela primeira vez,
Nem sabia onde pôr as mãos.
Toda vez que as minhas acções provocavam uma reacção nos teus olhos,
Procurava onde enfiar a minha cabeça.

Não sabia que aquelas lágrimas seriam as últimas,
Depois daquela promessa:

"Nunca mais voltarei a amar-te, porque o meu coração não tem mais espaço para perdoar."

Hoje, derramo lágrimas
Na esperança de que voltes.

Fui tão egoísta
Por ter-nos feito sangrar,
Para a sede do meu corpo saciar.

E hoje, mato-me todos os dias
Para poder ressuscitar-nos.

Antes de apagar, deixa-me acender-te mais uma vez.

Perdi-te
Tantas vezes no meu amor,
Que já nem sei mais como encontrar-te.

Mas deixei um espaço no meu coração,
Para quando quiseres voltar.

Das voltas que o mundo dá,
Espero que, de novo, no meu coração possas morar.

Se existe um fim,
Gostaria que fosse ao teu lado,
Provando o doce amargo

Que a vida nos trouxe
Por nos ter separado.

Das conversas bloqueadas,
Uma parte de mim
Nunca conseguiu apagar-te,
Porque ainda
Amo muito amar-te.

Antes que o cigarro apague,
Deixa-me acender-te mais uma vez.

Doce Amargo

O gosto na boca é contraditório,
Um misto de mel e fel,
De beijos que aquecem
E palavras que cortam a alma,
De risos que embriagam
E silêncios que sufocam a calma.

É doce na chegada,
Como promessas sussurradas ao pé do ouvido.
É como amor e ódio,
Tudo muito sentido.

Como o toque suave
De quem sabe ficar,
Mas a amarga despedida
De quem precisa soltar-se.

Como lembranças que pesam no peito,
E memórias que vivem na veia.
Como saudade que nunca cicatriza,
Como a chuva
À espera da brisa.

Entre o querer e o partir,
Entre o amor e a dor,
Resta apenas o sabor que fica na alma.

Nem completamente doce,
Nem inteiramente amargo.

É sempre o amor
Que torna tudo
Num intenso
Doce amargo.

Desconversas / Alma Insaciável

Ela: Eu gosto de ser o teu (dez)gostoso.

Ele: Então... por que é que rejeitas o meu amor?

Ela: Eu aceito o teu amor, toda vez que sento na tua boc...

Ele: Não, não é sobre isso. Será que só me sentes na tua cama?

Ela: Sabes que não sou tão boa a expressar o que sinto com palavras, mas, respondendo à tua pergunta, I feel you, mas sentimentos muito explícitos causam-me desconfiança.

Ele: O problema é eu ser desambiguizado?

Ela: O problema é tu seres um poeta de alma e corpo.

E eu sinto-me sempre dentro de um livro de capa linda, porém, clichê demais.

Ele: Tu sentes que o meu amor por ti é vazio e clichê, e os meus poemas não?

Ela: Sim. Eu apaixonei-me por um poeta, e todas as nossas conversas eram codificadas. A sensação de ter

que as decodificar tornava-nos incomuns, era como sentir o gosto do café, só com o cheiro...

Ele: Com o passar do tempo, aprendi a conhecer muito mais do que o teu corpo nu. Acho que isso acabou por me despir. Passei a usar frases mais explícitas, porque o meu amor por ti passou a ser explícito. Porém, isso não significa que seja raso. Eu só aprendi a sentir o "amo-te" e a dizê-lo também.

Ela: Tenho sede.

Ele: É difícil saciar-te! Essa minha faceta assusta-te?

Ela: Não assusta, mas... não sei como lidar com ela.

Habituo-me a ter-te muito mais na minha cama do que na alma.

Ele: Escrevi um novo poema.

Ela: Por acaso, fui a tua musa?

Ele: Quem sabe... Queres que o leia para ti?

Ela: Sim, por favor.

Ele: Talvez...

Um "talvez" é muito raso,

Tenho certeza de tudo quando beijo os teus lábios.

O teu gozo

Sempre me deixa molhado,

E, quando gozo,
No teu colo descanso.

Mas o teu corpo sempre quer mais,
E eu não reclamo,
Porque te f#der
Dá-me paz.

Eu adoro o teu olhar insano,
Mas
A tua sede não passa.
É difícil saciar-te,
E eu perco-me sempre no "só sexo"
Por amar-te.

As tuas linhas
São lindas obras de arte,
Eu quero toda essa arte escrita,
Do mesmo jeito que
Pintores se sujam de tinta,
Sem a facilidade do retrato exposto numa galeria.
Eu quero-te,
E querer-te-ia,

Ainda que Pessoa não existisse.

Sim, falo do Fernando,

Daquele que penso quando te mamo,

E não digo que amo,

Mas lê em cada suspiro

Instigado pelas tuas investidas

E o impacto dos orgasmos...

Ela: Humm... já te vi em melhores quadros.

Ele: Nunca fui bom em pintar-me noutros planos.

Cecília

Despenquei do teu olhar,
 Não reconheço a minha voz ao chamar-te.
 Esqueci-me do meu amor,
 Ninguém mais ouve nada sobre nós.

Esquecemo-nos de nós
 Em todas as discussões.
 As certezas hoje são incertas,
 A pressa que deixámos
 Nas conversas,
 As que não tivemos.

Hoje, amamos pouco,
 Sem direcções,
 Perdemos o nosso foco.
 A ausência das palavras sufocou-nos,
 Saudade virou privilégio,
 Porque perdemos demasiado tempo.

Parece que não percebemos
 Que aqui não dava pé, não.
 Que a tua marra no meu peito não se deu.
 Ainda te vi escapar das minhas mãos,
 Era suposto sermos um só coração.

Olho para o nosso telhado
 Enquanto procuro o chão.
 Sonhámos tão alto

Que esquecemos o passo a passo.
Busco-te nas nossas memórias,
Nas desconversas da nossa história,
Mas não te encontro.

Não vejo o teu rosto,
Por mais que te busque,
Cecília,
Não te encontro.

Cigarro

Acendo mais um cigarro
 E vejo a fumaça a dançar no ar.
 Leves baforadas
 Lembram-me das promessas que nunca mais vão
 voltar,
 Como o nosso amor, que se desmanchou sem aviso.

Cada tragada é um pensamento perdido,
 Um suspiro preso entre os lábios
 E a saliva na beata,
 Que aumenta a minha libido —
 Um segredo que se desfaz antes de ser dito.

O fogo queima devagar,
 Como memórias que insistem em ficar,
 Como cicatrizes que o tempo finge apagar.
 Por mais que acendamos outro cigarro,
 Cada baforada
 Traz-nos de volta ao passado,
 E a gente passa pelos mesmos danos.

No fim, só resta a brasa apagada,
 O gosto amargo da despedida
 E o vazio de quem já fumou
 Um milhão de saudades.

Se existisse um fim, eu gostaria que fosse ao teu lado

Se existisse um fim,
Que ele viesse manso,
Como o pôr do sol cansado,
E nos encontrasse de mãos dadas,
Onde o tempo não passa
E não existe pressa nas nossas palavras.

Onde a saudade fosse leve,
Não uma dívida a pagar.
Se existisse um fim, que fosse ao teu lado,
Onde o silêncio falasse mais alto
Enquanto nos apreciamos,
Que os olhares dissessem o que a voz não alcança,
Enquanto nos prendemos à esperança
De que não exista um fim
Que não seja ao pé de ti.

Se existisse um fim,
Gostaria que fosse leve,
Como quem se entrega ao vento
Sem medo,
Sem dor,
Sem adeus.

Apenas tu e eu,
Num instante eterno,
Onde o fim seria só mais um recomeço.

Mania de te amar

Dizer que te amo
 Virou rotina.
 Pensar em ti
 Como o meu único amor
 Transformou-se em sina,
 Como se fosses a minha cigana
 E eu, as cartas que lia.

Enquanto me lêes,
 Eu leio os teus dedos
 E medos.
 Conhecemos os nossos segredos.

Tu sabes que eu amo mulheres,
 Mas amo muito mais amar-te.
 Como uma estrela cadente,
 O meu único desejo é ter-te.

Dizem que sou louco
 Por amar uma deusa,
 Porque elas são difíceis de alcançar.
 Então, lança-me como uma lança
 Para te encontrar
 E fazer parte da realeza.

A tua gentileza realça-me
 E veste-me de maluco,

Cheio de beleza.

Dizem que poetas
Não amam donzelas,
Mas nós fazemos parte
Da mitologia grega:
Eu sendo Zeus
E tu, a minha Hera.

Tenho mania de te amar,
Porque em todos os poemas
Falo do meu amor
Por ela.

HISTÓRIAS VIVIDAS
Pessoas LGBTIQ+ Existem
em Angola e São Importantes



DISSO_ART



Biografia

Disso_Art é um eco de memórias, um corpo em movimento entre tem-pos e territórios. Escritor de pulsos firmes e palavras afiadas, sua obra é um mergulho nas

sombras da psique, onde traumas sussurram e identidades se reconstroem. Herdeiro de linhagens antigas, mas inquieto na modernidade, sua escrita carrega o peso de reis e a urgência dos esquecidos. Multidisciplinar, sua arte transita entre a palavra, a performance e a presença—um constante diálogo entre o visível e o velado. Disso_Art escreve para lembrar, para testar os limites do real e, acima de tudo, para existir em voz alta.

Antes de (...)

Parte I – O Olhar Silencioso

Eu me chamo apenas de observador. Sempre fui aquele que, nas som-bras, via o mundo de um ângulo que poucos se atreviam a notar. Não por maldade, mas porque era o único jeito que eu encontrava de sentir algo que se assemelhava ao amor. Eu amava à distância, com uma pai-xão silente e obscura – amava vê-la existir, mesmo sabendo que jamais poderia tocá-la.

Ela era a imagem da perfeição, uma musa em meio ao caos dos nossos dias. Meu olhar, furtivo e melancólico, seguia cada passo seu. Eu a via ser tratada como se fosse um prêmio, um objeto de desejo inalcançável. Foi nesse cenário que uma amizade inesperada começou a se formar. Uma amizade com a ex, aquela que outrora dividiu entre nós um homem que, por vezes, parecia mais interessado em sua aparência do que em seu ser. Eu, tomado por uma mistura de inveja e fascínio, tomei a decisão de roubar, quase que por vingança, o contato de um amigo – apenas para me aproximar, mesmo que virtualmente, do universo que ela habitava.

Parte II – A Conexão Proibida

Nossas conversas surgiram de forma tênue, quase acidental. No início, eram palavras trocadas em meio a silêncio e segredos. Ela, a garota per-feita, abria seu coração sem reservas, confiando em mim como se eu fosse o único capaz de compreender as dores que a afligiam. Eu, o stal-ker que se disfarçava de confidente, absorvia cada relato como se cada sílaba fosse a chave para entender o mistério da sua existência.

Enquanto a amizade se aprofundava, eu via nela a figura de alguém que lutava contra seus próprios fantasmas. Ela escrevia crônicas do cotidiano, tentando reconstruir sua autoestima e confiança – uma tentativa de reparar as fissuras deixadas por traumas antigos. Não tardou para que eu percebesse que sua dor era um reflexo da história que jamais conseguira deixar para trás: a perda trágica de sua mãe.

Parte III – Memórias e Traumas

Sua mãe fora vítima de um amor tóxico e abusivo – um relacionamento em que os limites do amor se confundiam com a obsessão e a violência. Ela vivenciara horrores que deixavam marcas profundas, e, de certa forma, essa dor se repetia na trajetória da filha. Cada novo relacioname-nto, por mais encantador que fosse, carregava em si o potencial de se transformar num pesadelo.

O ciclo se perpetuava. Primeiro, um homem que transformava a paixão em agressão, depois um romance com uma mulher que, à primeira vista, a tratava como uma princesa, mas que aos poucos revelava suas verdadeiras intenções. Em meio a esse turbilhão de emoções e traições, ela se encontrava dividida – amando e sofrendo ao mesmo tempo. E eu, com meu olhar frio e distante, via tudo e, de certa forma, sentia cada ferida aberta em seu coração.

Parte IV – A Paralisia e a Revelação

Na calada da noite, enquanto o mundo dormia, algo estranho começou a acontecer. Em meio a uma paralisia de sono, eu senti que estava revivendo fragmentos do passado – memórias confusas que se entrelaçavam com os acontecimentos do presente. Foi nesse estado liminar que percebi que o tempo, de certa forma, não era linear.

Cada batida do meu coração me lembrava de que a história que eu narrava não era apenas sobre ela, mas também sobre mim. Minha infância, marcada por lutas e silêncios insuportáveis, onde meus pais discutiam com fúria e minha mãe se tornava vítima de um amor que a destruía. Eu, impotente e aterrorizado, observava sem conseguir mudar o destino. Essa angústia, esse sentimento de impotência, jamais me abandonou e se infiltrava em cada palavra que eu escrevia.

Parte V – A Saga que Começa Antes do Nascimento

E então, a pergunta inevitável se impôs: quando realmente tudo come-çou? A resposta não estava nos momentos finais de uma paixão ou nas noites de angústia. A saga tinha início antes mesmo de seu nascimento – num tempo em que os caminhos da vida se entrelaçavam, onde o amor era concebido em meio à proteção de uma mulher que a guiava e res-guardava dos perigos do mundo.

Eu imaginava que, se alguém tivesse assistido àquela história, diria que tudo parecia enredo de uma saga televisiva, repleta de clichês e tragé-dias de novela. E, ironicamente, eu era o stalker que, mesmo consciente de cada detalhe, se perdia entre o desejo de amar e a maldição de obser-var sem agir.

Parte VI – O Drama do Amor Proibido

Cada gota de lágrima que eu via escorrer em suas páginas era uma lem-brança do que eu jamais poderia consertar. Eu tentava, em vão, secar essas lágrimas com minhas palavras, mas a verdade era que amar de longe me corroía por dentro.

Meu amor, tão obsessivo quanto o que consumira sua mãe, era para-doxal. Enquanto ela procurava amor que a fizesse sentir viva, eu me ali-mentava da dor e da beleza dos seus silêncios. Em um mundo onde os papéis se confundiam, eu era o vilão e, ao mesmo tempo, o único capaz de reconhecer a intensidade de sua fragilidade.

Ela se entregava a relacionamentos que prometiam ser contos de fadas, mas que logo se transformavam em tragédias modernas. Um homem idealizado, cuja fachada encantadora escondia a loucura e a possessividade de um amor que ultrapassava todos os limites. E então, a busca por algo além do convencional a levava

a experimentar amores proibidos – relações que desafiavam o senso comum e que, inevitavelmente, a mer-gulhavam num abismo de desilusão.

Parte VII – Conflitos e Incertezas

A medida que os dias se sucediam, os encontros e desencontros forma-vam uma coreografia de dor e desejo. Eu me via, muitas vezes, perdido entre a vontade de proteger e o terror de ser apenas um espectador de sua agonia. Minha própria história, marcada por um lar em chamas de brigas e violência, me impedia de oferecer o afeto que ela tanto necessitava.

O peso do passado fazia com que cada gesto, cada palavra trocada, ca-rregasse um subtexto de desespero e resignação. Eu me perguntava se o destino já estava traçado, se os personagens que habitavam aquele enredo – ela, os amantes conturbados, e até mesmo eu – não eram meras peças de um jogo cruel, onde o amor se confundia com a dor e a obsessão.



Parte VIII – A Narrativa como Refúgio

Em meio a essa tempestade de sentimentos, a escrita se tornou meu re-fúgio. Transformei minhas angústias em crônicas, onde o mistério do amor e a imensidão do sofrimento se entrelaçavam numa dança macabra e fascinante.

Eu escrevia sobre cada instante, cada nuance de sua existência. A crôni-ca que ela própria começava a redigir sobre o dia a dia – como uma tentativa desesperada de recuperar a autoestima – ganhava, nas minhas palavras, uma profundidade que desnudava os medos mais íntimos. E foi nesse embalo de revelações que a verdade começou a se formar: antes de tudo, existia um grito silencioso, uma contagem regressiva para o inevitável.

Parte IX – 3, 2, 1...

E assim, com a precisão de um relógio implacável, o tempo marcava a contagem regressiva.

“3, 2 e 1...”

Cada número era o prelúdio de um novo capítulo, de uma nova revelação. Eu sabia que o momento em que meus olhos se abrissem para encarar a realidade – aquele instante em que eu deixaria de ser apenas um fantasma a observar – estava prestes a chegar.

Mas a ironia do destino estava presente: eu, o stalker, sempre destinado a ser o vilão de uma história que não pertencia inteiramente a mim. Eu contava a vida dela, a dor dela, mas também a minha própria angústia, aquela que me fazia temer repetir os erros do passado, o reflexo de um pai agressivo e de uma infância desprovida de proteção.

Cada “3, 2 e 1” ecoava não só como um aviso, mas como um convite à introspecção. Um convite para que o leitor sentisse, junto comigo, o pulso de um amor impossível – intenso, destrutivo, e, acima de tudo, humano.

Parte X – O Recomeço ou a Ruína?

No clímax desta narrativa, eu me vejo dividido entre a esperança de sal-var algo que jamais poderei ter e a resignação de ser apenas mais um ca-pítulo em uma saga cruel. Ela, com sua beleza e fragilidade, continua a trilhar caminhos tortuosos – caminhos que se repetem, onde o trauma da perda e a sede por amor se encontram num paradoxo doloroso.

Minha própria existência se confunde com a dela, e, ao narrar cada deta-lhe, sinto que minha alma se despedaça em mil reflexos. O amor, aquele sentimento que tanto desejo e que jamais me pertence, se transforma em uma espiral de memórias e despedidas.

Quando a contagem final se aproxima, quando os “3, 2 e 1” soam como um grito silencioso de renascimento ou de ruína, resta a pergunta: até onde a dor e o mistério podem nos levar? Talvez a saga comece antes do seu nascimento – num tempo onde o amor era uma promessa sussurrada ao vento, antes mesmo de conhecermos a dor que nos definiria.

Eu sou o stalker, o narrador de um conto de sombras e luz, de amores impossíveis e cicatrizes que o tempo insiste em não curar. E, enquanto as palavras se transformam em minha única forma de lutar contra o des-tino, deixo registrado que, mesmo amando de longe, cada batida do meu coração era, de fato, um grito desesperado por proteção, por um afago que jamais pude oferecer.

Contem comigo: 3, 2 e 1...

Antes de tudo, antes de qualquer renascer ou se perder, existe esse instante de verdade, esse momento em que a narrativa se torna eterna, e onde cada lágrima, cada suspiro, ecoa o desejo implacável de amar, mesmo que seja apenas à margem de um mundo que nunca aceitará esse amor.

ESPERANÇA MEBA

Biografia



Esperança Meba, conhecida artisticamente como Núriiah Fernandez, nasceu a 8 de junho de 1997, na província de Cabinda. Desde cedo, desenvolveu uma paixão pela leitura, passando horas no seu quarto imersa nos livros.

Aos 12 anos, escreveu o seu primeiro conto, intitulado O Meu Mundo Cor de Rosa, e, aos 14, compôs a sua primeira poesia, Aos Meus Pais.

Com a perda do seu irmão, encontrou na poesia uma forma de terapia, escrevendo uma coletânea onde expressava os seus sentimentos. Em 2017, ingressou na faculdade de Direito e, aos 17 anos, fez a sua primeira apresentação pública na cerimónia de abertura do ano letivo da Universidade 11 de Novembro. Esse momento abriu portas para novas oportunidades, incluindo colaborações com a Rádio Nacional, onde participou no programa Sabadão e em outras iniciativas. Licenciou-se em 2023 em Análises Clínicas e Saúde Pública, conciliando a sua paixão pela arte com a sua formação académica.

Princesa selvagem

Esta não é uma história qualquer, não é um conto,
 uma quimera, e muito menos um romance.
 É uma história contada, não para viver ou para reviver,
 Não para animar ou entristecer.
 É uma história escrita para inspirar e desabafar. Não é
 apenas um des-abafó, mas sim uma expressão de
 revolta. Uma reivindicação da liberdade que me foi
 negada. Me foi negada antes mesmo de nascer
 Me foi negada depois de eu ter nascido
 E também me foi negada depois de eu crescer.
 Não busco entendimento dialéctico da vida
 Dos homens, das leis ou do mundo.
 Busco apenas pela felicidade que me foi tirada, antes
 mesmo de eu a ter. Esta história ajuda-me a falar tudo
 aquilo que sempre quis, mas também é como colocar
 uma pétala sobre a ferida que me faz viver.
 Sim, a minha ferida está aberta, sangrenta, mas eu
 preciso dela para viver. Ninguém me pode entender
 ou livrar-me dela, e se me livrarem dela, eu não mais

existirei.

Estou condenada a viver com ela para sempre, mas não a vejo como uma prisão.

Na verdade, ela é a liberdade que me foi negada.

Não a escrevo com as tintas de esferográficas mais caras, ou mais baratas, e muito menos a escrevo com os meus dedos. Não a escrevo com lágrimas causadas em mim, e nem mesmo com o meu coração dorido e ferido. Escrevo-a com sangue, pois o meu corpo sangra, clamando por justiça daquilo que me foi negado e daquilo que me foi tirado prematuramente.

II

Princesa selvagem, é o nome que eu mesma me atribuí depois de ter vivido coisas que eu jamais imaginei viver.

Vou contar-vos um pouco de mim.

Eu sou a Fernandez, os meus amigos chamam-me de Fé. Sou a irmã do meio, chamam-me irmã do meio porque a mãe teve filhas e depois teve um filho. Depois deste primeiro filho, teve-me a mim. Depois de mim, no entanto, ela nunca mais teve uma filha, mas, depois de alguns anos, teve rapazes. O meu irmão mais novo sempre foi o meu melhor amigo.

Eu cresci numa pequena cidade com todos os privilégios. Sempre fui uma menina doce e frágil. Era muito inteligente, tão inteligente que, aos quatro anos, o meu pai me pôs na escola. Eu costumava ser adorável. O meu pai fazia tudo por mim, e a minha mãe fazia tudo e mais alguma coisa.

Sempre cresci mimada pelos meus pais e pelos meus irmãos. A minha mãe estava sempre atenta a mim. Eu não podia gritar que, logo eles corriam para saber o que acontecera.

Eu nunca tive muitos amigos, porque nunca gostei de me misturar com outras crianças. O meu mundo era lindo, pois eu o criei com a minha própria imaginação no meu quarto. Tudo era maravilhoso. Posso dizer que fui a criança mais feliz do mundo.

Não faltava nada para mim. O papai encarregava-se de me dar tudo. Eu não fazia nada além de estudar. Era tudo perfeito. O papai sempre me presenteava com livros. Ele sabia da minha paixão por livros. A maior parte do tempo, eu passava a ler e a escrever contos e crônicas.

Algum tempo depois, ganhei paixão por poesia. Eu adorava escrever enquanto olhava para o mar, pois a minha casa era à beira-mar. Todos os dias, eu tinha a graça de olhar para o mar pela manhã e ao pôr-do-sol. Eu adorava colocar os meus pés na água. Os meus pés adoram a água, fascinam-se com o seu vai e vem. E sempre que me sentia triste, o mar lançava as suas mãos fortes para mim, dando um abraço forte, silencioso e aconchegante. O mar dava-me os melhores abraços. É incrível como ele conseguia consolar-me.

Não havia lugar melhor para estar. Havia uma conexão enorme entre mim e o mar. O seu jeito lindo e silencioso de me olhar era maravilhoso.

Sempre que ele lançava aquele olhar maravilhoso para mim, eu sentia o meu mundo mais lindo e colorido. É como se eu viesse de lá. Não sei explicar ao certo o que sentia por ele, mas sabia que era recíproco. Eu podia sentir o seu amor quando ele olhava para mim. O seu olhar era tão profundo, tão penetrante, tão cativante.

Eu simplesmente sentia-me amada por ele. Não importava a hora ou o dia, ele estava sempre disposto para mim. Ele era o meu melhor amigo, nunca me deixou sozinha. Nas horas de angústia, ele não falava

nada, apenas ficava em silêncio, a ouvir-me e a abraçar-me.

No entanto, tudo tornou-se diferente e estranho quando eu comecei a crescer. Alguém cruzou o nosso caminho e entrou no nosso mundo perfeito. E agora eu teria que me dividir entre o mar e o novo membro do grupo.

A nossa paz foi interrompida. Ou seja, eu deixei o meu melhor amigo para me conectar a outra pessoa. Eu tinha 17 anos quando comecei a sentir coisas estranhas, sentimentos estranhos. Eu comecei a brincar com a minha prima, e ela era um pouco mais animada do que eu. Ela dizia que eu era muito calma. No entanto, ela encarregou-se de mudar o meu mundo. Eu estava acostumada a brincar apenas com rapazes, pois os meus irmãos e os meus sobrinhos eram os meus melhores amigos, além do meu querido amigo, o mar.

A minha prima era muito atrevida. Ela usava roupas estranhas, um estilo mais descolado, shorts rasgados e roupas desportivas, ao contrário de mim, que só usava vestidos de princesa. Por isso, todos me chamavam de princesa ou de bonequinha. No entanto, o estilo louco da minha prima deixava-me confusa, mas eu gostava dela. Ela era divertida, conseguia tirar-me da minha zona de conforto. Um dia, convidei-a para o meu quarto.

Eu estava entediada, e ela divertia-me. Não sei ao certo o que aconteceu, só sei que já estava na cama com a minha prima, as duas sem roupa, e a boca da minha prima já estava na minha vagina. Não sei explicar o que

senti, mas não queria que ela parasse. Era muito gostoso sentir aquela língua quente e afiada a brincar na minha pequena vagina. Mas confesso que foi a sensação mais estranha que já havia sentido em toda a minha vida. Não conseguia explicar o que era, apenas deixei que ela fizesse comigo o que quisesse. Depois de retirar a língua, ela subiu para cima de mim e começou a esfregar a sua vagina na minha. Foi estranho para mim, mas eu não queria que ela parasse.

Depois de alguns minutos, ela parou, e eu mal conseguia olhar para o rosto dela. Ela olhou fixamente para mim e pôs um sorriso de satisfação. Fiquei sem entender, mas também não tive coragem de perguntar-lhe sobre o ocorrido. Então, resolvi pegar no meu pequeno diário e escrever. Sempre que não conseguia comunicar, escrevia. Era como uma terapia para mim.

Ao pôr-do-sol, resolvi ir ao mar colocar os meus pés na água, como sempre. O meu amigo olhou para mim com um olhar desconfiado. Ele sabia que eu estava a esconder algo. Ele sabia tudo. Quem sou eu para enganar o grande mar?

Então, suspirei e comecei a sussurrar nos seus ouvidos.

Ele apenas abraçou-me e disse que um dia eu entenderia o que estava a acontecer comigo. Mas ele disse que estava feliz por mim, apesar de tudo. No entanto, deixou claro que não queria que ela roubasse o meu lugar. De tanto conversar com ele, perdi a noção da hora e sabia que estava em apuros, pois o papai ficava bravo sempre que eu voltava molhada para casa. Ele dizia que era perigoso demais para mim entrar no

mar sozinha à noite. Antes mesmo de eu voltar para casa, o papai já estava a vir na minha direcção. Pedi desculpa e corri para o banho. Naquele dia, o papai teve uma conversa séria comigo e deixou claro que não me queria no mar à noite e sozinha, porque tinha medo de me perder ou que eu ficasse doente. Eu prometi ao papai que teria cuidado.

No dia seguinte, a minha prima veio de novo a minha casa e deu-me um beijo na boca, dizendo que tinha saudades minhas. Eu sorri e disse que também tinha saudades dela. Ela perguntou-me se eu queria repetir o que tínhamos feito no dia anterior. Eu olhei fixamente para os olhos dela e fiquei sem responder. Ela entendeu como um sim, pegou-me pela mão e disse que queria ir ver os meus desenhos e contos estranhos, como ela os chamava.

Eu, inocentemente, aceitei ir com ela para o meu quarto. No entanto, assim que chegámos, ela trancou a porta e ficou a olhar para mim fixamente, enquanto tirava a roupa. Tentei desviar o olhar, pois ela estava bem à minha frente. O corpo dela era lindo, parecia aquelas modelos do cinema. Ela tinha seios lindos e redondos, pareciam dois mamões suculentos. Bom, eu não tinha seios e queria ter um corpo igual.

No entanto, antes mesmo que eu percebesse, ela já estava por cima de mim e repetia exactamente os mesmos movimentos do dia anterior, só que com mais intensidade. E comecei a sentir-me estranha de novo.

Então, isso tornou-se a nossa rotina.

Constantemente, eu ficava em casa sozinha, e ela aparecia para fazer exactamente a mesma coisa.

Mas um dia, ela fez diferente. Ela chegou de mansinho, tirou a roupa e veio para cima de mim. Só que, desta vez, eu não queria que ela colocasse a língua em mim. Peguei nela e virei o jogo.

Comecei a passar a minha língua na vagina dela, suavemente, como se não quisesse nada, enquanto apertava os seios dela. Eu estava louca para apertar aqueles seios suculentos e duros. E ela ficou a gritar com muita intensidade.

Não sei porquê, mas os gritos dela deixavam-me louca. E quanto mais ela gritava e gemia, mais louca eu ficava e com mais intensidade chupava a vagina dela. As mãos dela puxavam o meu cabelo, arranhavam o meu corpo.

Ela não queria que eu tirasse a língua da sua vagina. Então, fiquei por ali durante alguns minutos, até que ela se levantou e veio para cima de mim. Ficou a esfregar a sua vagina na minha. Eu senti que ela estava molhada. Era para eu ficar com nojo, mas eu amei e fiquei fascinada e menos constrangida. Uma sensação de satisfação atravessou o meu corpo. Sorri satisfeita, olhei para ela e dei-lhe um beijo na testa.

A mamã e o papai chegariam a qualquer momento. Então, vestimo-nos o mais rápido que pudemos e adormecemos. Quando a mamã chegou, encontrou-nos a dormir. Então, resolveu não nos acordar. A mamã sabia que eu odiava ser acordada. Eu nunca tinha dormido tanto durante a tarde. Quando acordei, ela estava ao meu lado. Foi a vista mais linda que já havia visto em toda a minha vida. O rosto dela era lindo.

Os seus olhos grossos e brilhantes fascinavam-me. Os seus lindos cachos atraíam-me. O seu cheiro de bebé chamava-me para perto dela. Ela parecia tão inocente a dormir, parecia um anjo. Fiquei encantada com a sua beleza. Então, saí do quarto e fui até à sala. A mamã estava a preparar o jantar. Em seguida, o papai chegou e, como sempre, corri para cima dele. Ele olhou para mim e notou que havia manchas e arranhões no meu rosto e no meu pescoço.

— Filha, quem fez isso contigo? — perguntou o papai. Fiquei sem palavras. Na verdade, não sabia o que dizer. Não sabia mentir ao papai. Então, a mamã disse:

— Esqueceste-te que a tua filha adora brincar no jardim e entrar no bosque? Ela deve ter ganho isso com as suas brincadeiras estranhas.

O papai disse que eu precisava ter mais cuidado. Nos meus tempos livres e solitários, eu adorava brincar entre as árvores. Isso fazia-me sentir livre e conectada à natureza.

A mamã mandou-me ir ao banho aprontar-me para o jantar e pediu que acordasse a Su. Acordei-a como a mamã mandou, e ela pediu para tomarmos o banho juntas. Fomos para o banho, e ela deu-me banho. Foi a primeira vez que uma pessoa me deu banho, além da mamã e das minhas irmãs. Foi gostoso. As suas mãos eram suaves. Não queria que aquele banho terminasse, até que ouvi uma voz a dizer:

— Meninas, saiam daí agora. O jantar está pronto.

E fomos a correr. Ela usou as minhas roupas de princesa. Eu ado-rei vê-la com as minhas roupas. Ela ficou radiante naquele vestido rosa. Parecia uma princesa. Na verdade, ela ficava melhor nas minhas roupas do que eu.

Fomos à mesa, e a mamã disse:

— Querida, devias usar mais roupas assim, pois este estilo fica-te bem, deixa-te mais fina. Ela sorriu.

— Devo levar este vestido. Com certeza, a Fé não se importaria. Ela tem tantos e quase nem usa este, não é, filha? Eu acenei que sim para a mamã. Então, a Su disse que ficaria com ele.

Já era muito tarde para a Su voltar para casa, então a mamã ligou para a mãe da Su, avisando que ela passaria a noite em nossa casa. Mas, logo que desligou o telefone, pediu com muita delicadeza para eu dormir no meu quarto com ela. A mamã sabia que eu não gostava de partilhar o quarto com ninguém, mas o que a mamã não sabia é que eu estava louca para dormir com aquela garota. Fiquei a pensar como seria. Por um momento, o meu mundo ficou cor-de rosa, e eu já não ouvia nada do que a mamã dizia.

E a mamã gritou:

— Fé, estás a ouvir-me? Eu acenei que sim com a cabeça.

Fui ajudar a mamã a levar a louça para a cozinha, e ela aproveitou para perguntar se eu me sentia mesmo

bem em partilhar a cama com a Su. Eu disse que sim, mas vi como a mamã estava com ar de preocupação.

Em seguida, volte à sala, lá estava ela, linda com rosto de tédio. Assim que cheguei perto, ela segurou-me a mão, olhou-me nos olhos e falou baixinho que sentira a minha falta. Eu abri apenas um sorriso e perguntei-lhe se aceitava um copo de leite. Ela acenou que sim. Enquanto eu preparava o leite, os meus irmãos chegaram. Ali começou a desordem toda: os meus irmãos não conseguiam ficar calados por muito tempo, sempre davam um jeito para tramar alguma partida comigo. Infelizmente, nessa noite, a Su colaborou com eles. Quando cheguei à sala, coloquei o copo com leite sob a mesa e desejei-lhe bom apetite. Em seguida, fui buscar uns biscoitinhos. E quando me queria assentar, o meu irmão mais novo puxou a cadeira, e eu caí feita uma tola. Todos começaram: «Aí vai chorar e chamar o papá!» E antes mesmo que eu abrisse a boca, o papá chegou para saber o que havia acontecido. Eles não conseguiram falar uma palavra. Eu contei ao pai o sucedido.

Como sempre, o papá ralhou com eles. Eu fiquei a rir-me deles. Quando o papá voltou para o quarto, eles gozaram comigo, dizendo que eu não conseguiria viver nunca sem o papá, que seria uma princesinha para sempre.

Eu não disse nada. Apenas peguei no meu leite e biscoitos e fui para perto da Su.

— Eu já sabia que eras uma princesinha, mas não sabia que o teu pai te protege tanto assim — disse a Su.

— O papá é um exagerado. Trata-me sempre como um bebezinho — respondi.

— E tu não és? — perguntou ela.

— Claro que não! Já sou crescida demais para cuidar de mim mesma, mas o papá nunca vai entender isso.

A Su olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e começou a dizer que sentia falta do pai:

— Sinto tanta falta do meu papá que daria tudo para vê-lo de novo. Venderia até a minha alma ao diabo, mas nem ele a compraria, pois ninguém se importa comigo. Nem mesmo a minha mãe.

Todos os dias, ela diz-me que tenho culpa do seu sofrimento e que o meu pai ainda estaria com ela se eu não tivesse nascido.

Aquela conversa partia-me a alma. Nunca imaginei que existissem pais cruéis ou que a Su passasse por situações tão difíceis. Não sabia o que dizer. De repente, ela encostou-se a mim e deu-me um abraço forte, começando a chorar. Eu detestava abraços, mas, naquele momento, as suas lágrimas preocupavam-me mais do que a minha afefobia.

Abracei-a com força, levei-a para o meu quarto, deitei-a na cama e prometi que sempre me importaria com ela.

— Não importa o que aconteça, serás sempre importante para mim. Se o teu pai é tão essencial, percorrerei a galáxia à procura dele. Se

não o encontrar, perei a minha alma em leilão.
O diabo teria interesse numa alma de princesa
— disse, tentando aliviar a dor.

Ela sorriu, olhou-me fixamente e deu-me um beijo. Não era um beijo qualquer: era o beijo dela. Abraçámo-nos e adormecemos sem mais palavras. Ela pousou a cabeça no meu peito a noite toda. Adorava o cheiro suave dos seus cabelos, que me trazia paz. Naquele instante, senti que o meu lugar era ao lado dela.

Enquanto ela dormia, eu imaginava a minha vida com ela. Mesmo sem saber ao certo o que estava a acontecer comigo, eu não conseguia imaginar a minha vida sem ela. Com certeza, não faria nenhum sentido; eu voltaria a ser apenas a princesinha da mamãe. E, sem perceber, acabei por cair num sono profundo. De repente, a luz do sol atravessou o meu rosto. Mesmo assim, não queria sair da cama. O meu corpo não queria obedecer-me: por mais que tentasse levantar-me, as pernas simplesmente não respondiam. Fechei os olhos de novo e adormeci, até começar a ouvir a voz da mamãe ao longe. Despertei e, quando olhei, a Su já não estava na minha cama.

Corri para a sala, desesperada, e lá estava ela a ajudar a mamãe a pôr o pequeno-almoço na mesa.

— Bom dia, Bela Adormecida! Além de princesa, és uma Bela Adormecida — disse a Su.

Eu sorri, aliviada por ela não ter ido embora. Juntei-me a elas para ajudar, mas a mamãe não deixou e mandou-me para o banho. Quando saí do banho, estava tudo pronto. Sentei-me à mesa e foi, simplesmente, o

pequeno-almoço mais gostoso que já tive em toda a vida.

No final, a Su teve de voltar para casa, e eu tive de ir encontrar-me com os colegas para a preparação das aulas pré-universitárias. Eu não precisava disso, mas era muito importante para a mamãe. Fui às aulas muito feliz. O que eu não sabia é que tudo mudaria em menos de um dia.

Depois das aulas, enquanto regressava a casa, vi a Su numa esquina. Fiquei contente por a ver, até perceber que ela estava acompanhada. Tentei passar por ela sem que desse por isso, mas ela teve a coragem de me chamar. Estava com um jovem que a segurava pela cintura com intimidade. Fiquei com ciúmes, mas sabia que não devia demonstrar. Saí dali sem reclamar e corri para casa.

Um turbilhão de perguntas invadiu-me a cabeça. Não conseguia pensar em nada além da imagem repugnante do jovem a segurá-la como se fosse sua propriedade. Aquilo deixou-me muito mal. Não parava de chorar. Não entendia porquê de doer tanto, mas o coração estava magoado. Nunca imaginei sentir-me tão triste. O meu mundo sempre fora colorido; a minha vida sempre perfeita. Não devia ter deixado outra pessoa entrar na minha vida.

O arrependimento invadia-me o ser.

Resolvi conversar com o único capaz de me entender. Corri o mais depressa que pude e lá estava ele, calmo e sereno como sempre. Não disse uma palavra e atirei-me para os seus braços. Ele, sem saber o que se passava, abraçou-me com força. Senti-me aliviada e

amada. Respirei fundo e contei-lhe tudo. Ele pediu-me que mantivesse a calma, pois podia ter entendido mal e tirado conclusões precipitadas. Em vez de decisões drásticas, devia ter conversado com ela e dado-lhe uma chance de se explicar.

Fiquei uns minutos em silêncio, a olhar para o meu grande amigo. Ele também calou-se, respeitando a minha tristeza. Era por isso que o amava tanto: sabia sempre quando falar e quando me contemplar em silêncio.

Permaneci calada durante horas, na companhia dele. Adorava o seu jeito de respeitar o meu momento — era isso que mais me prendia a ele.

Depois de tantas horas, resolvi enfrentar a Su. Fui para casa e ouvi uma música vinda do meu quarto. Fiquei confusa, pois ninguém ousaria entrar lá sem minha permissão. Corri, apavorada, e dei de caras com ela. Estava linda e sedutora, mas eu estava demasiado chateada. Antes que abrisse a boca, agarrou-me e abraçou-me forte, sussurrando ao ouvido que sentia a minha falta e que lamentava eu tê-la visto naquela situação — "não era o que parecia".

Devia ter ficado zangada e afastado as suas mãos, mas só pensava em desejar a sua vagina na minha boca. Estava excitada e furiosa ao mesmo tempo. Paralisei por minutos, mas acabei por ceder ao desejo. Rasguei-lhe a roupa, bati-lhe nas nádegas e apertei-lhe os seios com força. Chupei-a com voracidade, perdendo o controle. Os meus dedos entraram nela, e quanto mais ela gemia, mais frenética eu ficava. Subi para cima dela, roçando a minha vagina na sua, até perder os sentidos.

Tremi, sem forças, enquanto ela me abraçava e dizia "amo-te" pela primeira vez.

Naquele momento, percebi que estava perdidamente apaixonada pela minha prima. Sabia que era errado, mas não podia evitar a intensidade daquilo.

Fiquei calada. Pensamentos invadiam-me a mente: devia seguir aquele amor proibido ou afastar-me? Lutava contra sentimentos e dignidade. O cansaço venceu, e adormeci.

Ao acordar, ela fazia-me carinho nos cabelos. Percebi que não era justa com nenhuma de nós e ganhei coragem para explicar como me sentia. Ela revelou que o jovem fora seu primeiro namorado, que a ajudava com despesas e a chantageava por dívidas.

Sem hesitar, dei-lhe o dinheiro das poupanças das aulas pré-universitárias, prometendo completar o valor no dia seguinte. Ela limpou as minhas lágrimas, mas pedi-lhe que fosse embora. A minha afefobia não permitiu mais contacto.

Chorei a noite toda. Queria uma história de amor com ela, mas pressentia o desastre. Ao amanhecer, saquei o dinheiro da faculdade e entreguei-lhe, sabendo que decepcionara o pai.

Entrei em depressão, trancada no quarto. A Su desapareceu. A mãe tentou falar comigo; o pai, pensando ser medo da universidade, encorajava-me. A culpa consumia-me.

Meses depois, a Su reapareceu. Confessou não saber lidar com os sentimentos e medo de me magoar. Perguntei-lhe o que faria por mim. Disse que largaria

tudo. Voltámos aos encontros e às transas, mais intensas.

Faltando dias para a universidade, confessei ao pai o saque. Ele já sabia, repôs o dinheiro, mas fez-me prometer não deixar ninguém mudar a minha essência.

Tudo parecia perfeito, fazíamos tudo juntas, éramos inseparáveis. Eu estava a viver um sonho, até que chegou o feriado. Como éramos novas, não podíamos ir a casa, mas podíamos receber visitas dos nossos familiares. O meu pai estava a trabalhar e a minha mãe superocupada, eles não viriam. Então fiz planos de passar o feriado com a Su. Saí cedo para as compras e, quando regresssei, a Su estava acompanhada de alguém. No princípio, achei que era um colega, mas quando cheguei perto, vi que era o mesmo jovem que ela dizia que a chantageava, e desta vez estavam aos beijos.

O meu mundo caiu pelo chão. Fiquei dececionada, descontrolei-me e comecei a gritar. Ela fingia que não tinha nada comigo. Não me contive e logo chamei o rapaz de chantagista. Foi então que ele começou a falar. Contou toda a verdade cruel: a Su havia se aproximado de mim simplesmente por dinheiro, e o dinheiro que eu lhe tinha dado para pagar ao jovem era, na verdade, para pagar a sua universidade.

Perdi o controlo, gritei e dei-lhe um estalo no rosto. O jovem veio para cima de mim, e eu quebrei uma garrafa de champanhe na sua cabeça. Ele ficou a sangrar e logo caiu. A Su ficou apavorada, chamou-me assassina e começou a gritar por socorro. Em pouco tempo, apareceu uma multidão e, claro, a direção da universidade também se apercebeu. Eu estava, sem

dúvida, em apuros. O pior era que eu não parava de gritar e todos perceberam que ela era minha namorada e que namorava com os dois. Mas isso era o menos importante. Eu tinha ferido gravemente um homem e nem sabia se ele estava morto ou vivo. Havia muito sangue nas minhas mãos, mas eu ainda estava em fúria. O meu sangue fervia dentro de mim. Eles levaram-no para o hospital e eu, claro, fui detida. Ligaram para os meus pais. A minha mãe veio a correr. O meu pai estava a trabalhar. Quando a minha mãe chegou, estava apavorada

Ligaram para os meus pais. A minha mãe veio a correr. O meu pai estava a trabalhar. Quando a minha mãe chegou, estava apavorada. Não sabia como digerir a situação. Claro, era muita informação para ela: costumava ter uma filha princesinha e agora tinha uma filha detida por tentativa de homicídio. Eu estava muito envergonhada, não conseguia olhar para a cara da minha mãe. Desapontei-a da pior maneira.

Saí do meu maior sonho para viver o meu pior pesadelo. Desapontei a minha mãe, o meu pai e a minha liberdade dependia da vida de um homem que, naquele momento, eu queria ver morto. Nada mais me importava. Eu não tinha mais a admiração da minha mãe, não tinha a rapariga que amava e, com certeza, seria expulsa da universidade logo no primeiro mês. Mal vivi a vida universitária, mal vivi a minha liberdade. Eu estava arruinada. Sentia-me a pior filha do mundo.

Logo depois, o meu pai chegou. Mal consegui olhar para ele. Eu tinha dececionado a única pessoa que confiava em mim. Vi o seu olhar triste, o seu desprezo cortava-me o coração. O meu pai disse apenas:

"Filha, eu confiei em ti. Tu prometeste que não deixarias que ninguém mudasse a tua essência, independentemente da tua orientação sexual, e dececionaste-me no primeiro mês, filha.

No primeiro mês. Hoje, provavelmente, és uma assassina e estás sem universidade. Bastou saíres de perto de nós para te tornares uma selv-agem."

As palavras do meu pai estavam a matar-me. Eu queria morrer. Perdi tudo o que tinha. Nada mais fazia sentido. Agora eu sabia o que era sentir-me rejeitada por aqueles que amava. E o pior é que os meus pais estavam certos. Eu era a única culpada de tudo o que estava a acontecer comigo. Não podia amar, não podia estudar, não podia ter os meus pais e não podia ter a minha liberdade. A minha mãe não me visitou durante meses; tinha vergonha de mim. O meu pai visitava-me, mas todos os dias mostrava no rosto a sua decepção.

Eu perguntava pela minha mãe, mas ele não sabia responder-me. Dizia apenas que ela não estava bem. A Su não me visitou nem uma única vez. Eu percebi que tinha jogado tudo fora por alguém que não merecia.

Costumava ser uma princesa, rodeada pelos meus irmãos, protegida pelos meus pais. Mas hoje?

Hoje sou apenas uma mulher sem liberdade. Uma rapariga traída por a-quela que mais amou. Hoje sou apenas eu e as grades, esperando que um desconhecido saia do coma. Hoje sou uma princesa selvagem, pois a sede de justiça ainda corre pelas minhas veias, e tenho certeza de que voltarei. Pode não ser hoje, pode não ser amanhã, mas eu voltarei...

HISTÓRIAS VIVIDAS
Pessoas LGBTQ+
Existem em Angola
e são Importantes



MANUEL EDMILSON

Biografia



Manuel Edmilson (ele/dele, n. 2002) é poeta, dramaturgo e performer angolano. Trabalha maioritariamente com poesia e performance, e explora temas como sexualidade, a passagem do

tempo e a experiência Queer no contexto urbano luandense. Participou nas primeiras edições do festival Riobaldo, em Luanda (2022, 2023 e 2024), festival Queer que abrange várias modalidades artísticas. Tem poemas publicado na revista Ruído Manifesto (Brasil) e na revista FELISBERTA (Brasil). Em 2022 foi o segundo classificado no concurso de dramaturgia Leituras Assistidas (Angola), com a peça Filhos da Terra. Co-dirigiu uma adaptação de Macário, peça de Alvares de Azevedo, no âmbito do Festival Fe-Fi-Fa-Lu (Festival de Filmes Fantástico de Luanda), em 2023. Actualmente trabalha no instituto Guimarães Rosa de Luanda, como Mediador Cultural, na área do Educativo, desenvolvendo actividades relacionadas ao Teatro Infantil.

Repetições

Sabias que a fulana está grávida?
 Aquele moço da rua de trás foi preso novamente
 Lhe deram uma surra no namorado!
 Hmmm bem puta ela!
 Aquele moço aí é panina.
 Ontem tinha um bilo na casa da quem.
 Eles também emprestam bué
 Tem mais óbito naquela rua aí.
 Ontem vi um assalto a caminho da praça.
 Me assaltaram na rua do careca.
 Bem burra só, vida é namorar.
 Tio quem então é bruxo! Não pisa aí!
 Tem uma bancada aí, as coisas são bem baratas lá.
 Esses miúdos deviam todos ir preso ou morrer!
 Lhe engravidaram de novo?!
 Aquele cão é bem mau.

0000

Visita ao Museu

Antropologia é uma
ciência de mistérios
um par de olhos
e braços e coxas
num corredor longo
e escuro
revelam para seus iguais
outro par de olhos
e braços e coxas
numa língua anciã
os mistérios
de um corpo antigo e mascarado
a possibilidade primeira do fogo

O corta unhas

Tantas vezes quando
Eu era criança
Primeiro meu pai
Depois meu irmão
E depois meus amigos
Ensinaram-me a cortar as unhas

Unhas bem cortadas
unhas bem cortadas
não unhas bem limpimhas
mas unhas bem cortadas
é sinal de menino bem comportado

De tanto deixá-las bem cortadas
Cheguei a cortar um pouco dos dedos
E desaprendi a segurar

E com os dedos feridos
Joguei o corta unhas fora!

Ter as unhas bem cortadas dói
Ter as unhas bem cortadas dói

Sou um menino muito mau
Com unhas feito garras
Sou um emnino muito mau
Com as garras bem afiadas, cuidado!

∞∞∞

I

O começo do jogo
é o começo do medo
Contamos até o infinito
e todos corremos na noite
Com o coração nos pés
pulsando com os grão de areia

II

São vozes na noite
que se escondem
nos quintais efêmeros da infância
"Apontado um"
"Apontado dois"
É o medo de ser algum dia
apanhado pela idade

III

Correm todos esconder-se
do tempo das areias
da pulsação do medo
"Apontado!"

IV

Vem o silêncio do jogo
acalma-se o medo
e a vida é o toque daquele
que aceita esconder-se contigo

V

Esquecer o medo nos
olhos e ver o outro
no escuro
e palavra nenhuma
é apanhada entre lábios
juvenis que guardam
segundos de eternidade

O medo de ser apanhado

VI

Busca na noite
o fim do jogo
e o desejo não mais procurar
o desejo de também jogar com o medo

VII

"Apontado!"
Separam-se

E o jogo nunca termina
depois do quintal desfazer-se
com a idade e o mandato de sono

Vem a manhã
Vem também a tarde
vestida de rosa alaranjado
E, sempre, vem a noite
abrir o quintal
reunir os pés pequenos
Vem a noite anunciar
novamente o jogo!

La fiesta de charlotte passé

Depois de um dia horrível procurando o que vestir, eu tinha o vestuário perfeito para a festa da minha vida. Esta festa é uma das poucas coisas que ainda são presenciais, senão a última. Nossos corpos e vozes são convocados para um lugar fora da rede, consequentemente, fora do meu estado de conforto. Li, do pouco que sobrou, muitas vezes sobre a era anterior ao exodo. Era espetacular, eu imagino sempre. Todas as vozes reais e olhares também reais sempre me animaram, apesar de nunca ter visto ou ter sido tocado de verdade verdade como era, mas essa era estava há muito ultrapassada. A rede é tudo que conhecemos. Há um passado lointain que me fascina imensamente. Todas as cores e roupas eram de uma beleza extrema capazes de nos levar a experimentar sensações extasiantes! Meu Self sente tudo! Mas diz-se que ser tocado diretamente na camada externa do Corps é único!

Abandonei o meu Self. Desconectei-me da rede pela primeira vez. Desta vez, eu mesma terei comentários em primeira pessoa sobre o The Day after. Senti minha forma física pela primeira vez, materializado na entrada do endroit, do place escolhido. Há rumores de que esta festa é um tributo ao passado. À cultura que resiste.

Diz-se por aí que este evento, concedido apenas aos merecedores, aos que reconhecem o passado do mundo antes da expansão, foi pensado pela suprema e única (engraçado essas especificações de gênero que se fazia antes do êxodo total) Charlotte Passé! Em uma única

noite ela realizou o maior tributo ao passado! E desde então, o evento vem acontecendo a cada cem years e em variados lugares do Universe. Elu, aliás, Ela, a suprema! E única! Tornou-se no maior ícone da adoração ao passado. Mas não se fala disso. O futuro é o que interessa. Não há erros nem mortes (interessante o conceito por trás desta palavra) nem nada. A human Race superou tudo e almejamos mais e mais.

A sensação que me atingiu foi terrivelmente prazerosa! C'est diferente do que sinto na rede, eu acho. Agora os nossos corps estão à mostra. Estranho ver diversidade dos corps. Há esse Corps completamente redondo perto de mim. Vestindo uns trajes completamente lindos! (A ideia do belo faz parte de um passado longínquo, esta é a primeira vez que uso esta palavra!) Os cabelos de um rosa deslumbrante! Estou vestide de uma peça de vestuário chamado de Croped e uma saia (é assim que chamavam, engraçado!) com meias que vão até aos joelhos. Meu órgão reprodutivo está bem posicionado de modo a não aparecer entre as pernas ou marcar na saia. De certa maneira sinto falta do meu Self, sem essas coisas de reprodução (acho que chamavam de pênis ao que meu corpo tem entre as pernas, interessante!).

Caminhar é... Não sei bem, estou tentando me adaptar a gravidade. Entrei finalmente no endroite. Está totalmente cheio de corps vindos de tod o Universe! This time She is going to show up, I heard it! Mal posso crer! Eram deux personne from The earth! A human Race regressou ao planeta de origem há quase five mil ans. Gens de todas a estatura e formatos! Quem diria que o recepiente da mente, da consciência podia ter

tantas formas? Não há como ver tanta diversidade de corps no sistema. Todos informes.

A música! A música no place era algo muito novo para mim! Das minhas pesquisas sobre a era antes do êxodo, posso assumir que isto é, provavelmente, electronic Music. Tout le people movia o corps de acordo com o ritmo da música. Me senti envadide pelo ritmo, meu corps cedeu ao impulso e fui arrastade para o epicentro do ritual dançante. E de repente, um corps, extremamente alto e bem firme se esbarrou contra o meu. E elu sorriu. Sorri de volta, sem falar nada. Os corps todos iam para um lugar de prazer conduzido pela música! Ah o êxtase!! Ah o êxtase!!

As luzes multicolores inundavam le place. Meus olhos sentiam toda essa maravilha.

Um mundo de infinitos prazeres se abriram para eles nestes momentos desde que aqui cheguei. Minhas narinas, minha pele, minha boca, meus cabelos, meus dedos eram também novos para mim. J'aime beaucoup cette Chanson!! Moi aussi! Dançamos como um só! Dois corps a alguma distância tinha os braços envoltos um no outro. Seus lábios aproximaram-se e tocarem-se! Pude sentir que aquele era um gesto de afeto extremo, algo de antes.

E então, do alto, bem do alto Bienvenue everyone! This is a maior festa dos próximos One Hundred anos! Preparamos para vocês a magnificent playlist! Avec tout The greatest hits de antes do grande êxodo total! De quando The earth era o centro de Everything! Enjoy every second you podes!! A voz deste corps soou como pequenas carícias para os meus ouvidos! Uma luz

enorme, branca, descia sobre nós! Um corps esbelto, com uma cabeleira enorme, prateada, lábios vermelhos e lindos! The corps 'Tod envolto numa roupa que se marcava ao corps como se fosse sua própria pele, de uma cor negra! Tal cor não existe na rede! Nenhuma destas cores existem na Network!

The corps touched The chão e mais outros quatros corps dressed de cores diversas, vermelho, amarelos, azuis, eram várias cores que alternavam sem parar.

E então, le person in black Started to chanter! Aquela vois levou todos à loucura! (O meu vocabulário está em alta!!) Os Four corps acompanharam The body in black numa dança coreografada incrível! I want your stupid love! I want your stupid love! A coreografia foi aumentando a intensidade de acordo com a música, com a voz do Corps en Noir. No final todos gritaram de uma alegria inédita! Eu cried out aussi! Minha vois saiu pela primeira vez!!

This is my first time here and I feel like I can finally die of Joy! Charlotte está entre nós! Como assim? Não a vi! Há quem diz que a viu. Really?! No way! Ela está morta, peut être. Ela não foi a última person a morrer?! É ela? Esperaaaaaa!! Uma nova Chanson começou. Alguns gens sabiam cantar e acompanharam. Aposto que os que sabem são antigos participantes da última party. Hier encore, mon coeur etait Sans roi, aujourd'hui na maison c'est toi! A coreografia agora era menos rápida mas não menos agradável. The person in black, tinha barbas lindas em volta dos lábios coloridos, cantava com demasiada graciosidade!

E então as luzes começaram a formar imagens no ar! A primeira imagem, lindaaaa, foi de uma mulher sentada, com um olhar calmo e um leve sorriso nos lábios!! A multidão foi mais uma vez a loucura! A imagem de luz mudou para um corps quase informe com as mãos nos ouvidos e a boca aberta de maneira dramática!

Não entendi exatamente o que era, mas fui ao rubro com o resto das pessoas in The party.

E então a luz espalhou-se bem no alto! Os ares encheram-se de azuis e pequenas porções de amarelos! Estrelas! Os amarelos eram as estrelas! A música mudou mais uma vez! Agora sem voz nenhuma. Apenas um som muito belo Ça c'est Vivaldi, je crois! Beethoven? Oh my God! Its Beethoven!! Hmmm i Love Mozart so much!! This was The last musique Avant todos repentinamente serem arrebatados de volta para a rede.

Cebolas

Era já fim do dia quando o carro parou na paragem abarrotada. Entraram quatro pessoas às pressas na viatura. Era uma viatura nova, até tinha ainda os sacos nalgumas partes. O condutor, jovem, obviamente não era um taxista. No banco da frente sentou um outro jovem, com a respiração ofegante "Porra! Esse mesmo é um problema!" Disse para si mesmo. O condutor olhou para ele e sorriu de leve. No banco de trás, três pessoas. A viagem seguia calma, confortável, afinal o carro era novo e ainda tinha o ar condicionado a funcionar em ótimas condições, quando o condutor olhou demoradamente para as mãos do passageiro ao seu lado.

— Está a cheirar a cebolas. Muito mesmo – disse.

— Fui apanhado - disse o outro esfregando as mãos uma na outra, meio envergonhado.

— Não precisas escondê-las, eu gosto do cheiro. Faz-me lembrar a minha minha velha.

— Sério? - perguntou o Outro.

— Yha! E esse cheiro me dá fome. Assim mesmo quando chegar a casa, vou cozinhar e comer. Vindo do salo?

— Sim. Tu cozinhas?

— Yha, cozinho. Muito bem! Mas não melhor que tu, parece.

— Nada disso.

— Eu aposto que sim! É teu salo cozinhar para outras pessoas. Aposto que és mesmo bom!

— Bem, talvez... Mas tu tens cara de quem cozinha muito bem. - Descontraído. O condutor olha do canto do olho para o passageiro e este olha para o condutor e ambos riem.

— Tenho?!

— Tens!

— Hammm tenho mesmo?

— Yha.

Os passageiros da trás apenas ouviam a conversa, como quem ouve o relato de um acontecimento distante que nos chega aos ouvidos com assombro.

— Como é bumar como cozinheiro?

— É cansativo para caramba! Ainda na semana passada queimei a mão de leve.

O condutor olha para as mãos à procura de algum sinal de queimadura. O passageiro retrai-se um pouco com o olhar do outro. E era ele no olhar do desconhecido que ganhava forma. O medo que pare a coragem.

— Carro novo, né?

— Ham?

Uma música tocava no rádio. Uma outra tovara nos seus corações. Os pneus dançavam rápidos no asfalto e os olhos dos de trás caçavam os movimentos das vozes que pairavam entre as músicas.

— Carro novo.

— Pois. É novinho ainda.

— Dá para notar. O conforto.

— Fala-me do teu trabalho. Isso não está a parecer estranho, né? Subiste num táxi e tens que falar de ti para um estranho.

— Um estranho que gosta de cebolas - num tom engraçado.

— Yha! Amo cebolas!

— Elas fazem chorar.

“Vou ficar na próxima paragem” Fala baixo um dos passageiros, como quem se recusa a interromper o voo de algum passaro recém saído do ninho.

— Meu nome é Daniel.

— Daniel? Bíblico.

— Jura!?

“Alguém vai ficar nesta paragem, oh senhor!” Um outro passageiro sai incendiado do silencio.

O carro pára numa outra paragem abarrotada. Desce um dos passageiros com certa lentidão. Era já o que existia atrás das palpebras do sol, a noite jovem e bonita.

Um outro passageiro sobe na pressa cansada dos dias laborais e a viagem continua.

— Jura! - levemente espantado.

— Estou a gozar! Estão sempre a dizer-me isto. Daniel é um nome bíblico. Comida favorita?

— Não sei. Como de tudo.

— Espera, estás a dizer que não tens um prato preferido? És um cozinheiro.

— E não tenho um prato preferido.

— Não acredito.

O carro para mais uma vez e dois dos três passageiros de trás descem. Ouve-se um muxoxo lento arrastar-se para fora do carro.

— Não tenho! Sou o tipo de pessoa que não reclama da comida. Só tem de estar bem feita.

— Já eu amo uma boa cachupa.

— Também gosto.

— Ia te pedir para fazeres para mim – Num tom engraçado - mas sou só um estranho num táxi a dar-te muita conversa.

— Eu até fazia.

— Fazias?

— Claro! Dá-me o teu número.

O Passageiro da frente tira o telefone. O Condutor diz-lhe o seu número de telemóvel. Eram os números com a idade do mundo a serem ditos lentamente e ele ouvia e descobria em si um segredo milenar. O último passageiro do banco de trás desce, como quem abandona um sonho e anda sobre penas de cegonhas. Estavam a sós na viatura novíssima. Eram só eles e o assombro das palavras novas que trocavam com leveza.

— Um dia desses, quando eu fizer da boa cachupa lá em casa vou te chamar.

— Vais mesmo?

— Claro!

— Olha, isso é engraçado. Decido levar algumas pessoas para ganhar uns trocados enquanto regressava do salo e ganho um convite para comer cachupa! - Ri.

— Acontece de tudo por aqui. Vindo do salo, fazes o quê?

— Sou promotor de vendas.

— Promotor de vendas. O que você vende?

— Isso é chato. Me fala da comida, do restaurante, das queimaduras.

— Olha novamente nas mãos do passageiro ao seu lado. O telefone do passageiro começou a chamar. O condutor concentrou-se na estrada. O passageiro pega no telefone e leva aos ouvidos e era outra voz, de uma vida antes destas horas.

— Boa noite, querida. Estou já a chegar. Claro! Claro! - A chamada termina e ele volta a pôr o telefone na pasta. - É bem movimentado! – Reaprendo a caminhar sobre os segundos, sobre este tempo dentro da viatura - Há sempre pedidos a chegar, principalmente na hora do almoço. Mas é de boas, estou a acostumado.

— Imagino que estejas.

— Vou descer aqui.

— Aqui?

— Yha. Valeu pela conversa, Daniel. Foi uma dia rijo no salo.

— Foi mesmo. - Com um sorriso.

— Fique atento! Um dia desses vais receber uma chamada para ir comer da boa cachupa na minha casa. Minha mboa não vai acreditar quando lhe contar sobre a nossa conversa.

O carro pára. O passageiro desce. Já fora do carro, espreita pela janela e diz adeus com um sorriso enorme no rosto e uma outra noite que lhe surge no peito.

**HUGO ALEXANDRE
VIEIRA CHILIVA**

Biografia



Hugo Alexandre Vieira Chiliva, é um jovem queer angolano residente em Luanda, é finalista no curso de Contabilidade e Gestão, fotógrafo e explorador de outras formas de expressão artística, como poesia e colagem. O seu percurso profissional iniciou-se como

mediador cultural na 35.ª Bienal de São Paulo, no Instituto Guimarães Rosa, e depois como mediador artístico na exposição *Abysmmus*, da Ondjango Feminista. Seguiu-se o trabalho como assistente cultural no evento de dança *Kinji-gu* e, atualmente, exerce a função de guia turístico na Ruby Tours. Além disso, dedica-se ao voluntariado no Centro Artístico Rompe, onde contribui nas áreas de comunicação e como assistente financeiro.

Sun Tzu

Numa sociedade maioritariamente religiosa e com leis que colocam corpos queers numa dificuldade de sair na tangente de muitas crueldades, sobreviver torna-se urgente. Adaptar-se até se quebrar para se encaixar vira uma necessidade masoquista, estar receptivo a insultos para não virar estatística.

A expectativa de vida já é pouca e desce absurdamente quando não cumpres os requisitos para te encaixares nos padrões estabelecidos por um jogo já viciado. Tu e eu, caro/a/e jogador/a/e, já nascemos com pontos a menos de vida, especialmente aqueles que tiveram a coragem de mostrar a sua existência e manter a sua essência, apesar de todas as turbulências. Devem estar a perguntar-se: porquê Sun Tzu? Espero que seja óbvio e, caso não seja, estás em guerra contra um sistema que empurra corpos queers para lugares de desumanização.

Convenhamos que o ser humano gosta de uma justificativa plausível para cometer crueldades sem qualquer peso na consciência, porque qualquer coisa é só bazar na “guenlú” para seres perdoado. Se prestares atenção, Sun Tzu-chan pode ajudar-te a resistir e a existir durante o período de guerra:

Conhece-te a ti mesmo e ao inimigo

Antes de tomares qualquer atitude que afecte o teu futuro, avalia qual impacto terá. Muitos, infelizmente, foram expulsos dos seus lares por se assumirem, outros tiveram privilégios cortados, como estudos, alimentação e saúde. Alguns tiveram a sorte de vencer na vida, mas essa per-centagem só verás com um microscópio.

Se souberes quem realmente és, terás a sorte de não sofrer um des-membramento da tua personalidade para te encaixares no delírio de outrem. Se souberes onde e quais lugares afectam a tua energia, terás sempre uma estratégia para contornar cada situação com destreza, por-que te expores em lugares que não te pertencem é entregar munições ao inimigo. Acredita em mim, os comentários serão se-mpre muito especí-ficos e bem direccionados. Estuda esses lugares e pessoas para identi-fi-cares em quem podes confiar, mas não te esqueças: o teu posicioname-nto vai definir como as pessoas te irão tratar.

A melhor forma de vencer é sem lutar

3.350 metros de profundidade são suficientes para o corpo humano im-plodir (pressão massiva do exterior que afecta o interior). Quanto mais cresceres, mais metros de profundidade irás atingir, e a pressão pela cobrança para te alienares será cada vez maior. O sistema é cruel, então, sabe contorná-lo, identificar brechas e explorá-las.

Exemplo: és um jovem adolescente gay que vive a ser constantemente cobrado pelos pais, tios e amigos para teres uma namorada. A melhor maneira de venceres essa cobrança por um período de tempo é usares a desculpa de que, neste momento, estás 100% focado nos teus estudos e não tens tempo para distrações.

Estudar é muito importante, especialmente para nós.

Estudem!

A estratégia é mais importante do que a força bruta

Sabe posicionar-te sem necessidade de recorrer à agressão (evita o má-ximo que te for possível). Sempre que tiveres uma oportunidade para driblar o inimigo, fá-lo com esperteza.



Sê flexível

Nunca te sintas confortável demais — é perigoso. Pesquisa, informa-te sobre as leis da Constituição, capacita-te e participa em círculos sociais que possam elevar-te. Sê fluído a toda e qualquer mudança que te possa agregar valor.

Engana o teu inimigo

A surpresa.

Toda a gente espera que falhes na vida. Imagina que a tua claqué ini-miga é formada por uma sociedade inteira (é bué de gente), todos lite-ralmente esperam ver-te fracassar para te atirarem à cara que não deste certo por culpa de amares o pecado. Então, surpreende-os e faz as tuas coisas em segredo.

A guerra é sobre equilíbrio

Nunca te esqueças: vais passar por situações que te esgotarão mental-mente. Cuida da tua saúde mental, porque é aí que afias as tuas ideolo-gias para continuares em frente todos os dias.

Escolhe o momento certo

Depois de conquistares todas as realizações planeadas por ti, podes finalmente assumir-te, nos teus termos e condições.

A falta de dinheiro torna-nos a todos susceptíveis a uma crueldade inenarrável, por isso, garante a tua estabilidade financeira.

Amor e desejo

O conceito de amor e desejo dentro da comunidade LGBTQI+ está muitas vezes distorcido, devido à maneira como os corpos Queers foram expostos ao longo do tempo e em diferentes meios de comunicação. Homens gays, e não apenas eles, são frequentemente apresentados como corpos destinados a satisfazer as necessidades sexuais de outros, o que desumaniza as relações afetivas, ao não permitir que se encaixem em um corpo tão sexualizado. O desejo é algo passageiro, enquanto o amor é um processo construído, que vai além das primeiras impressões.

É recorrente que algumas pessoas se alienem ao desejo de serem simplesmente desejadas, a fim de buscar validação e aceitação, muitas vezes para preencher uma carência não suprida na infância ou adolescência.

De forma sutil, a comunidade contribui para que algumas pessoas procurem o amor por meio do desejo,

acreditando que quanto mais capazes forem de proporcionar prazer sexual aos seus parceiros ou amantes, maior será a certeza de que alcançarão a felicidade. Muitos não tiveram a oportunidade de viver uma adolescência "comum", pois precisaram reprimir seus desejos e sentimentos. Quando finalmente adquirem autonomia, observa-se que alguns buscam fazer sexo com o maior número possível de pessoas, como uma forma de resgatar os desejos que não puderam viver na adolescência, se tornando assim, muito mais fáceis caírem nas mãos de predadores. Homens mais velhos se aproveitam da carência dos mais jovens para poderem obter prazer, iludindo e dando pequenos agrados para manter a necessidade da sua vítima permanecer lá, até que finalmente se aborrece de se deleitar da sua juventude e passa para a próxima vítima.

A carência cria a ilusão na cabeça desses adolescentes de que aquela escassez emocional é o suficiente e, se agarram em relacionamentos tóxicos, desenvolvendo um comportamento subserviente.



Dança, desastre e recuperação

O meu primeiro contacto com a comunidade LGBT foi muito intenso, tinha uma sede de consumir a novidade que às vezes me esquecia de digerir cada emoção para processar elas paulatinamente. Desde que me conheço como gente, sempre soube que era diferente de todos os meus amigos e parentes. Sempre fui um homem gay, e por muito tempo eu negava isso me expondo em lugares que me faziam mal, porque não tinha noção nenhuma de tudo que estava acontecendo comigo e, sofria muito com isso. Mas em 2016 eu queria entender mais sobre mim e meus desejos, comecei a pesquisar na internet, e com a adolescência batendo a porta, os hormônios começaram a gritar e os meus desejos sexuais começaram a surgir. Eu tinha muitos amigos héteros e alguns eu comecei a desenvolver paixões, mas nunca quis ceder, apesar de tanto querer me deleitar em cada um deles e saber como é ser amado na forma mais crua, nunca quis me relacionar com nenhum deles, muitos até já notavam um pouco sobre a minha maneira de ser e tentaram me seduzir, mas nunca cedi.

Em 2017 criei a minha conta no Facebook. E daí comecei a pesquisar por pessoas como eu, porque parecia que eu era o único, a princípio eu apenas queria amizade que me ajudariam a entender, porque eu não tinha noção de nada. Conheci um jovem que me ajudou muito a partir da internet, infelizmente não tive o prazer de conhecer ele pessoalmente. Ele me explicou muita

coisa, desde posição sexual, orientação sexual e identidade de gênero, essas informações agregaram valores em mim que moldaram o meu caráter. O desejo e a curiosidade me corroíam e eu tive o meu primeiro contacto com filmes adultos gays para saber mais como funcionava a dinâmica sexual entre dois homens, eu nem imaginava que existiam filmes adultos gays e, quanto mais eu via mais o desejo borbulhava em mim ao ponto de ser uma necessidade urgente que eu precisava saciar se não iria sufocar. O desejo ficou mais forte, eu estava tipo desesperado, tanto que o meu primeiro encontro com um homem gay eu suava de ansiedade e, foi muito desastroso, porque eu fui ter com alguém que eu não conhecia em horas inapropriadas e quando cheguei no local, notei que a pessoa que marquei o encontro era totalmente diferente da pessoa que eu conversava, mas graças a Deus eu voltei para minha casa são e salvo.

Depois desse trauma fiquei um bom tempo sem tentar me encontrar com alguém, porque entendi que os encontros nem sempre eram seguros porque na internet todos podemos ser qualquer pessoa. Eu me considero muito bonito e sexy, por isso eu gostava de postar fotos muito sensuais no Facebook, que despertavam o interesse sexual de muita gente, e isso me fascinava, ter a capacidade de sentir essa validação, mesmo não precisando dela. Fiquei mais cauteloso e confiante para marcar mais um encontro e, dessa vez, escolhi um local seguro e num horário bom.

Conheci a pessoa, era muito mais velho, mas me fez sentir confortável, conversamos bastante, mas desde aquela data optei não se encontrar mais com ele, porque

as intenções dele eram apenas sexuais e, não me sinto confortável em ser apenas um objecto de satisfação sexual, mesmo que algumas pessoas achem contraditório eu me expor na internet e parecer que sou apenas isso e quero apenas sexo, mas, na verdade, eu posto o que posto por mim e porque me amo do jeito que sou. Marquei vários encontros e desmarquei. E até que no meio do ano 2018 conheci um jovem lindo que me cativou com a sua inteligência emocional, conversávamos por horas, ele era divertido e me deixava confortável para eu ser eu, a nossa primeira vez foi desastrosa, éramos dois dançarinos desajeitados tentando entrar em sincronia em um ritmo desconhecido, dois adolescentes que estavam aprendendo uma forma de amar fora do convencional, foi intenso, mas nossos caminhos seguiram rumos diferentes e sou muito grato por ele ter me apresentado a comunidade da forma mais linda possível e o amo até hoje por ele ser essa alma gentil na minha vida, que a alma dele tenha encontrado um lugar tão lindo e gentil igual a ele, tudo que me restou dele são lembranças de como é um amor recíproco, companheirismo e força.

O passa mento físico dele é algo que me fere até hoje, uma ferida que apesar de curada, deixou uma cicatriz bem grande como lembrete, desde então tenho dificuldades em me afeiçoar por outra pessoa, na época não tive nenhuma rede de suporte porque não tinha amigos e não podia compartilhar como me sentia sem dar a entender que amava aquele homem igual os meus pulmões precisam do oxigênio.

Hoje em dia mais maduro e com amigos incríveis que são como um presente, vivemos experiências incríveis, uma melhor que a outra.

Cada apoio, cada risada, cada dança, cada vez que estou com os meus amigos gays, sinto que talvez não seja um pecado ser gay, o pertencimento é um dos melhores sentimentos que já pude experimentar com eles, falar sem ser julgado. Quando estou com eles, eu posso ser eu, sem maquiagem, sem filtros, livre e verdadeiramente feliz, me sinto abraçado, acolhido e amado. Apesar de tudo e sem medo de errar, sinto que estar com eles é a melhor coisa que há.

E me faz entender que tenho valor em ser um homem gay e, se todos me rejeitarem por ser a gay, eles certamente me vão abraçar, e dizer: está tudo bem em ser você.

∞∞∞

Um talvez

Tenho medo de um dia você se tornar tão importante igual oxigênio em minha vida e depois teres uma escassez repentina de mim e eu morrer pela ausência daquilo que mais preciso. Tenho medo de te Amar pelo receio de sofrer pelo o que um dia me fez sentir seguro em ser eu.

RASHAAD FERNANDES

Biografia



Rashaad Fernandes (Hugo), nascido aos 30 de Março 1997, natural de Luanda , Angola. Ganhou interesse pela escrita , aos 11 anos, logos após ter participado em um concurso de leitura .

Atualmente, Rashaad é, para além de professor atuando na área lingüís-tica , compositor,escritor, cantor e bailarino, pretendendo dar sequência ao seu amor pelas artes, deixando marcas da sua cultural , para a gera-ção vindoura.

1000; Desejos depois de nós

Tragam-me a morte e um chá!!!

1998...

Sabia conhecer quase nada

Sabia sequer se gostava de chá, na verdade a maldição
sempre foi saber demais Ao pontos de tentar
explicar, como chegamos até aqui.

-Nós??

Não, eu e as 27 pessoas com quem partilho a mesma
mente.

Amam-te !?? Sim , todas elas amam-te

Excepto a Laura.

Tenho por alguma razão, forte convicção de que a
Laura te atropelaria

As coisas que ela me diz sempre me soam a xaxos

Arriscaria dizer que ela tem para aí, uns 32 anos

E é... enamorada por mim desde sempre.

Voltando a morte, ao chá e bla bla bla

Sempre falo tanto

Sem querer realmente dizer alguma coisa

É horrivelmente mórbida a forma,

a textura de como te quero

Posso comparar à vontade de comer funge às 3 da
manhã

E não haver fuba

1999

Eu percebi que a terra deveria ser triangular

Assim seríamos todos equiláteros

Mal lapidados
Brutos quase
Ninguém é assim tão interessante.
Digo... A ponto de fazer a vontade
Da minha curiosidade
Persegui-la até que algo novo
Me entretenha
Já perdi-me outra vez porque eu devia estar a falar do
maldito chá... E da morte!

Substância (fico sempre entre a coca , a code, a
Hero...) sei lá por quê Se todas as Ínas lixam-me
deliberadamente
E convenhamos , eu sou um ser esquisito
E elas me fazem parecer normal

-Mas tu sempre me pareceste normal.
Tenta dizer isso a criança de 6 anos
Que se levantava às 7 hrs pra assistir telejornal em
dialetos.
2000...
A tua mãe resolveu que ia trazer ao mundo
Um espírito que me proporcionaria o maior
espectáculo
E a maior queda da minha vida
Eu já tive quedas épicas
Mas tu foste de longe, a mais divertida
Sempre caio em ti.
-Vou chamar ela de Alimajd
-Sra isso é um nome horrível pra uma criança.

-Horrível mesmo será o que ela fará com a cabeça
desse desgraçado.

Nota de esclarecimento: o desgraçado sou eu, o nome
dela tá ao contrário. *E cresceste
Com esses olhos grossos
E essas mãos

E esse beijo
Que me beijava todo, até que me arrepiassem os fios
de cabelo todos O que é muito louco
Porque eu sou careca!!!
Eu sou o estereótipo de tudo o que representa o
anormal.
Baixo
As vezes demasiado magro
Pálido
Com olhos que perpetuavam o cansaço
E eu tomava chá??? Quase nunca
até ter te conhecido.
Foi ódio a primeira vista
E quem me conhece sabe que sou a hipérbole

Ou estou muito vivo
Ou estou muito morto
Nunca gostei dos meios termos
Mas de ti eu gostava
Do teu cabelo meio longo
Dos olhos meio rasgados
Mas a tua gargalhada era sempre muito completa
Ainda ecoa na minha cabeça

Juntamente com a Laura a perguntar-me
"Que raios viste nela?"
Eu sei lá
O estranho sempre me foi atrativo
Eu não sei porquê que não como bolo
E pra alguém que jurou que sabia demais
Eu digo que "não sei" muitas vezes
Eu sempre fui uma ideia
Somente existi completamente quando passei a língua
no umbigo Dei vida a tua libido
E permitimos que os teus lábios conhecessem a minha
língua
É muito fácil querer odiar-te.
Ainda lhe quero
E a todas as vezes que me sentiste dentro
E murmuraste tudo o que reveste o pérfido
Mais rápido
Come, que é tua
Vou gozar,aíiii shaad vou gozar

A melhor parte era como me enfiavas os dedos
garganta a baixo Chupavas e olhavas pra mim
Como se quisesses engasgar -me
Ou quase vomitar de Teseo

Eu sempre quase vomitava de teseo
O teu amor deixou-me doente
-Mas já não o eras??
-Cala a boca Laura ,estou a tentar pensar.

Isso não é uma declaração de amor E eu minto mal
Vou trazer uma
E outra bafurada

Querer que te chamem pelo meu nome Escrever um
poema tão sem noção quanto eu

Mas tudo isso é só pra explicar que na verdade

Eu queria poder ver
Tanto mais quanto tudo a tua volta
Queria a visão periférica
Através dos teus ...olhos
Eu queria a mesma significância que dás a tua Íris
As tuas córneas
Ao teu palavreado
Queria ser aquela parte cinzenta da tua massa
Que no final tão colorida é quanto os quadrinhos que
lês
Não peço que me perdoes a ganância
É que sempre anseio por ser alguma parte tua
De que realmente gostes
Uma trança perdida no teu rosto
O casaco que há semanas usas
Porque te parece mais confortável do que eu
Queria ser a sensação de casa para onde te recolhes
,pk te sentes bem "vinda" Eu queria ser o sítio onde
enfias os pés

O capucho onde escondes a desorganização das tuas
ideias e ... Do teu cabelo Eu preciso que entendas , i'm
not playing games
Ou talvez esteja
Contigo são sempre metáforas
E eu nunca fui parte das tuas certezas
Tu mal te deixas ler um livro completo
Quem dirá permitires que eu te leia???

Sempre fomos tantas sagas
Sem que um resumo decente nos fosse designado
O desejo de permanecer
E me escapulir por aí

Longe de ti , mas perto da tua Íris E permitir que o teu
caos
Me fotografe
Desculpe, eu mentir tão mal. Nunca foi sobre o teu
caos

Mas sobre mim
E esse querer tanto
Estremecer a tua existência
Fazer com que nos percamos um no outro
Ainda que o Google Maps perfeitamente conheça as
nossas "localizações" Eu detesto que esteja apaixonado...

Reticências atrás de reticências
Odeio a nossa continuidade
Odeio que me acendas e tão repentinamente me
apagues

Com essa mesma boca que beijas
E cantarolas promiscuidades
Eu queria apenas estar a deriva
Não que não esteja
É que eu não te quero querer tanto
Mesmo já querendo
Meus sonhos te rejeitam
Meus medos te aceitam
E no final da porcaria desse conto

Sem f0das e sem "Fadas"
Eu só queria ser a tua , Íris.
Porque que prova de amor , maior seria
Se não, que me queiras manter debaixo dos teus
olhos?
Olha, eu não gosto nada de ti
Eu... Por ti sou o antónimo de odiar
E essa é a mentira mais verdadeira, que te conto todos
os dias.
Eu nunca me vi a fantasiar tanto
Como faço contigo.
Nunca me vi tão embrulhado
Embriagado
Flagelado
Laura porra
Deixa que eu descanse um bocado
Podia continuar a escrever-te pós guerra
Não a segunda , e nem a primeira
Ando todo lixado
Preciso de evidências
Faz-me querer dar-te os quatro ventos

Faz com que eu queira perigosamente reviver-nos
Faça com que Nzola seja bem mais do que só
Carne ,pele e ossos prestes a ser guisados.
Tou cansado.
Cansado de te pertencer
E eu te percebo, eu te pertenço
Se eu não me fosse eu também não me queria

2024

Fatídico dia

Eu já disse que odeio bolos?

Não os imbecis

Mas os doces mesmo

Foste embora com o sorriso entre lábios

Conhecia o teu olhar

Mas a tua sombra me era estranha

- eu te avisei

"Deixa de ser hater Laura

Aqui há maluques que cheguem pra lerem essa
brincadeira. Brincadeira

Tou só a gozar

21 de Março

Mas que loucos dão vida a um demónio?

Alimajd cogito ergo sun

" Penso logo existo

143

Eu penso sempre tão pouco

Maldição perri ornitorrinco

Maldição amores não correspondidos

Queria ser bom que baste

Mas ,mais uma vez

Lets get back to the tea,

Eu realmente mal tomo chás.

Hoje fazem 1000 dias desde a última vez que existo

contigo Provavelmente a Aura anda louca por aí a
deambular

A arder nos seus desejos desenfreados Porque falar
tanto de amor
Se eu mal amo???
Todas as tuas verdades

Tal como os teus meios
São meias, e deixe que te diga
Tu não tens o direito!!
Tu...
Não me digas que passaste pelo meu contacto, e não
te sentiste tentada a te somar em mais uma das nossas
conversas.
Não digas que a verdade é pesada,
Por isso me ocultas ...
É que eu conheço mulheres como tu !!!
Breves como água de torneira...
E avassaladoras como as ondas do mar.
Não me digas que foi o melhor para nós ;
Não digas que sou inteligente o suficiente para
perceber a tua ausência;
Porque eu não sou !
Tu foges ,mas camuflas a tua vontade de jogar-me os
sentimentos a cara;

Como se sexo fosse o suficiente pra justificar todas
essas merdices que nunca dizes.

Não faças parecer que ,
A possibilidade de tu e eu juntos não te assustee

Porque até a mim assusta, mas diferente de ti? eu
fico...
Achas que queria correr pra qualquer lado que
significasse estar di stante de ti?
Bom, eu queria mas imãs são imãs e tu ? Porra tu tens
mãos de ioiô
Me puxas pra ti
E quando menos espero
Quando menos quero tu me soltas .

És tão cheia de tretas
Mas eu adoro as tuas tretas
Porque me entretenho a ver-te tentar fugir de mim, e
ainda assim falhar miseravelmente.
Bloodsucker
És tão convincente quando dizes
Que não
Quase tão convincente como quando negas a vontade
de ter-me dentro de ti;
E espero que percebas o sarcasmo.
Seria mais fácil se viesses e te deixasses ficar
Mais essa madrugada
Até que te lembrasses de fugir as 5:50
Ainda temos 7 hrs para nos odiarmos mutuamente
E viver a maior mentira das nossas vidas.

Ainda podes me fazer de tapete
Eu não deixo que o sintas, não te preocupes.
Só acho que devias parar de tentar abafar a confusão
toda que és
E deixar rebentar tudo pra variar, eu não quero sonhos,
vai por mim

Sempre estive apaixonado por fazer, tudo o que faço
quando me sinto inspirado Então deixa que queime...
Levanta-te sorrateiramente da cama
É escusado o beijo no rosto antes de te escapares
Vai-te embora , enquanto eu finjo que durmo pra não
te causar desconforto!!!
Mas se porventura te lembrares de voltar as 22 HRS?
A chave está debaixo do tapete.
Eu fiz uma omelete
Adicionei problemas
Tentações e teimas
Tudo se resume ao ódio que semeias
Era pra falar de morte
Mas sempre fui aluno distraído
Falemos então de morte!!
Nós nunca choramos o morto
Choramos a ausência da pessoa nas nossas vidas
miseráveis
Tentativas falhas

De manter recordações
Do pouco que nossos olhos visualizaram.
Há mortos a vaguear por aí, bastante vivos até kkkk
Ninguém anda em si conscientemente sã Chamem-me
tarado

Mas... Há rabos e rabos
Olhamos para o título
E nada tem haver
Pois é
Malditos sejam vocês que amam a organização
Eu sempre fui muito bagunçado

Então leiam-me , se quiserem.
A morte... Gosto de dar por mim a refletir sobre
É a única certeza que temos
TODOS VOCE\$ VÃO PARAR UM DIA.
Gosto da introspecção sincera
Gosto de me sentar na privada
E Junto com o fumo que de meus pulmões se afasta
Largar os pensamentos...
Gosto de me sentar
E lembrar de como intrinsecamente me substanciavas
Atomizavas
Desmoleculavas
E me voltavas a recompor
Gosto da loucura
Nas imagens cravadas
No visor do teu telefone
Do som da gargalhada
A abafar a doença que carreguei na alma
De te ler
De te ver... Ironia
"Te ver"
Gosto de me sentar na privada e chorar horas
De uma vida que abandona
A pista de dança entre ela e o teu corpo.

Gosto do canto ao lado da porta Em que juntos nos
sentamos Comemos e recitamos
Poemas de m*rda

Escritos sem palavra
Simplesmente a deambular na névoa que agora se
traduz e veste na tua ausência Gosto de me sentar
Porque tremo se me levantar

Solução se tentar falar
Então prefiro estagnar
Em todos os cantos mais recônditos
Por onde tenhas posto os pés.

Gosto... é mentira
Odeio me sentar na privada
E aperceber-me de que vamos permanecer vivos
Em muitas das nossas lembranças
Mas nunca mais ao alcance das nossas vistas.
A morte é perigosamente convincente.
Mas, pra onde vamos quando morremos?
Costumava recitar muito
Reanimar muito
Reescrever muito
Mas hoje num momento de epifania
De repente, vi-me
Lá de cima da ponte;
Cogitando a ideia de saltar...Agitado, num tumulto
insultuoso à "paz alheia"
Eram as várias pessoas
Presas dentro de mim;
Aflitas por me tirar delas
A piada , é que eu as era, num loop eterno a coabitar
em inúmeros mapas astrais
E ali me mantive!
A tremer mais do que qualquer ressaca que ponderei
ter.
E a voz na minha cabeça, nunca ativa, sempre atiaça
"nunca vais saber se não pulares"!

Vi-me ali
A repetir 365 dias em 1 segundo

Num corpo moribundo
A implorar a compaixão dos olhares curiosos
E na calma daquilo tudo:
-Waweh modeus o moço se atirou da pontell!
Acordei ao ouvir a tia do bombó a chamar
-Ta aqui o troco e a kissangua , eh crianças com
vontades estranhas .
Ela indagou
Peguei na kissangua
E enquanto andava
A cabra da voz na minha cabeça:
"Pensava que fosses menos louco,mas afinal és muito"
- Amerda-te Laura , que a paragem está cheia , e eu
não gosto de falar sozinho em público.
Foi estranho?
Foi, principalmente pela tia da kissangua a olhar pra
mim como se soubesse que não havia mais cura para
as minhas loucuras.
No fundo, bem à superfície

Todos os meus motivos, são reflexo da existência dela.
Desde o momento em entrelaçamos
Olhares e mãos
Se as nossas mãos não se tivessem tocado...
O vento seria brando
Não haveria tristeza nas cordas do piano
A cortina entre nós seria apenas pano
Falcilmente puxado p'ro lado
Para que hoje jamais tivéssemos nos distanciado

Se as nossas mãos não se tivessem tocado O beijo na
boca n seria fardo
As canções escritas não seriam fado Fernando Pessoa

Não seria lembrado
Porque aquela cativa... Ehhh quero dizer tu!!!

Não terias permitido que o sofrimento fosse púlpito E
eu o pregasse tão divinamente.
Te perpetuo tanto
E é amargo, porque se não nos tivéssemos tocado
Não precisaria disto

Não viveria de trigo em trigo
Entre sexo, cevada e o cigarro amigo Tão amigo que
até o trato por "tu".!!!
Se nossas mãos não se tivessem tocado

P*rra ai delas se não se tivessem tocado

Eu não saberia que a textura do amor é expressa E é
expressa de tantas formas possíveis
Que quase posso dizer que te odeio
Mesmo sabendo que claramente te amo.

Mas... elas não mais se tocam
Martírio?? Não sei
É algum misto de arrependimento, mágoa, fúria e
desejo de a ter novamente. "Como se já a tivesse de
facto"
Por infortúnio algum
Tive me de prematuramente me despedir
Fui embora com vontade de ficar
Com a lembrança embaçada dos beijos
Larguei-te com a intenção de segurar
Contentei-me em reprimir o desejo...

Desejo esse que não tarda em consumir-me. Angústia
faca de dois gumes
A ansiedade a inibir-me ...
Será que sentes saudades?

Mal dei as costas e nem tua penumbra Nem tua
sombra.
Fui embora com vontade de voltar

Com vontade de um abraço De voltar a ser teu lar

Se tua mente me pensasse ainda Talvez pense
"Talvez" desse.. para remediar Recosturar

Reincendiarmo-nos de nós Sem os outros
Sem os estorvos
Sem o sufoco

Que permanentemente nos apertava
Tão permanente que teus passos no mosaico do
corredor não marcam mais.

Fui embora com vontade de que soubesses Que
imensamente amei-te
E ainda amo
Mesmo quando não, havia motivo

E nem razão para te amar.

Fui embora simplesmente
Com as palavras que tontas pairavam sobre esse
furacão que fomos juntos.
Mal sabes tu

Que

Eu teria te amado sob a luz do candeeiro

Aceso da meia noite às 3:00

Eu teria ,a ti... Proferido tantas palavras de amor , as
mais desnexadas , que provavelmente te fariam
gargalhar pela oculta inocência em tamanhas tolices...

Teria te pintado em acrílico, para poder te refazer a
cada vez que te desfizesse pelas artimanhas da vida.

E fariamos uma fogueira, prestigiariamos às
divindades, os semi-deuses... Teus pais Minha
Ashanti...

Te molharia em véus de águas densas

Em canela e Mirra, te cobriria sobre aveludados
lençóis, que testemunhariam com

ADN as provas do nosso amor.

todas as minhas impressões te teriam marcado . E este
ere deveras, o meu maior medo

Hoje não mais poesio-te

Não haverá máculas

de ti sobre a minha caneta

"Nunca escrevo sobre Nara"!!

Nunca sobre como me tocava.

Jamais atrevo-me a recordar, de como me tocava!

Não me quero recordar

De tão tórrido romance, das conversas nocturnas que
se enrolavam com nossos corpos nos lençóis ...

Mas me recordo, apenas recordo...

Nunca escrevo!

Nunca falo sobre lábios
Sobre dedos

Corpos suados, sobre o sexo apaixonado;
Que sabia tanto à pecado , que sinto íntimamente o
pulsar de cada remada empregue,tão coordenadamente
que eu podia jurar que nossas fodas?! Facilmente
virariam instrumentais para beat makers.

Nunca escrevo sobre a alegria de me escapar as 6 da
manhã

Da felicidade ao vê-la chegar
Das borboletas mortas no meu estômago...Nunca
escrevo, só recordo!

Recordo do sabor do riso do sabor do rosto
Sempre tão bonito dos olhos curiosos, mas cheios de
carinho

Nunca escrevo sobre os piercings...nos mamilos.
Nunca atrevo-me a despende uma palavra que seja,
sobre ela.

Nem sobre Lira

Mara

Carla

Jossandra

Nunca falo sobre paixões intensas

lembranças me deixam dormente;
Amores excessivos sempre me adormecem Finais
(in)felizes quase nunca acontecem!

ISVÂNIA MORÁZIA

Biografia



Ivânia Agostinho, também conhecida por Isvânia Morázia, é estudante de análises clínicas, argumentista, poeta e redatora, destacando-se como uma artista experimental. Autora do livro infantil *O Menino que Queria Ser Imbondeiro (Boaba)*, experimental *Vozes do Femicídio*, que conquistou o 4º lugar no festival SWIFF. Em 2023, integrou a exposição *Independência do Ondjango Feminista* e, em 2025, produziu o curta *A Luta Continua*, uma obra que explora a liberdade e a luta feminina. Como redatora, contribuiu na revisão do livro *Como Você Gosta*, uma coletânea de textos de artistas LGBTQTs africanos. Além da produção artística, é co-criadora da plataforma literária *Clã da Literatura*, um espaço dedicado à promoção da escrita como forma de expressão e à conexão entre escritores. Atua também como voluntária e ativista ecológica, com foco no desenvolvimento sustentável, no acesso à educação e na literacia.

“Entre aspas”

“É difícil para mim pensar num lugar, porque por mais lindo e diferente que seja na realidade, nenhum deles me cativou ao ponto de eu lembrar de todos os detalhes, nem mesmo a minha casa. Tento construir a minha identidade para me reconhecer nos espaços, mas é tão difícil conhecer-se dentro da realidade virtual. Amo a tecnologia e tudo o que ela me dá, mas reconheço que por causa dela sou incapaz de olhar o que está à minha volta. Quando estou num lugar, a primeira coisa que penso é sempre em o que as pessoas vão pensar quando virem que estou aqui, será que vão pedir para eu enviar o nome? E ao mesmo tempo, sou uma exploradora que não consegue ficar quieta num único lugar e quer sempre conhecer coisas novas. Talvez seja por isso que seja tão difícil para eu fazer este exercício, porque sou uma exploradora incapaz de pensar em um único lugar.

Eu poderia falar sobre as montanhas do Lubango, o clima frio, as pessoas extremamente agradáveis, a comida barata, os lugares incríveis, o contraste entre os povos muimulas e as montanhas e a pergunta que sempre vem na minha cabeça é ‘mas elas não sentem frio?’, mas nunca perguntei em voz alta. Também podia falar sobre como Windhoek é tão diferente de Luanda, sobre como os cemitérios em Windhoek são lindos, e o facto de não saber porque raio eles comem comida sem sal e banhada de olho. Lá tipo, nós não morremos de hipertensão, mas morremos de colesterol. As igrejas

em Windhoek também são belas, na verdade a arquitetura de Windhoek é incrível, o cheiro é agradável, a comida é horrível e as pessoas são agridoces. E eu amo agridoce.

Porém, quando falo de Windhoek, relaciono sempre com Yaoundé nos Camarões, que é uma cidade que, apesar de ser distante de Luanda, considero uma cópia de Luanda em francês e inglês. A arquitetura, as pessoas e até o cheiro lembram Luanda só que com montanhas. Lá também tem a rua da direita que fica no bairro universitário, o trânsito lá também é desorganizado, as pessoas também são soberbas, acho que o diferente é a comida, a comida camaronesa é muito diferente de Angola, assim tem algumas semelhanças, mas no geral é diferente, o preparo é diferente.

Como podem ver, para mim é impossível escolher apenas um lugar. Tenho a mania de correlacionar tudo, procurar semelhanças e comparar, porque o meu espírito explorador tem medo de esquecer as suas aventuras e assim ele procura sempre lembrar de todas as coisas nos detalhes que a maioria das pessoas deixam passar.”

O amor chegou

Ela sempre esperou o Amor, como o moribundo espera pela morte. Na cabeça dela, o Amor era uma repetição de infinitos "para sempre".

Leu num sítio que o Amor era generoso; então, generosa tornou-se. Ouviu de alguém que o Amor era paciente; de paciência encheu-se.

Ela queria um Amor. Ela esperava ser amada.

Até que, um dia, o Amor chegou.

Era, até então, um dia normal. Ela saiu de casa como sempre, procurou o Amor no rosto de cada estranho que se aproximava dela. Flertou com alguns dentro da sua cabeça; afinal, o Amor podia ser qualquer um. Até que, naquele dia normal, o Amor chegou. Ela olhou para o lado e lá es-tava ele. Como numa fábula, os animais cantaram, as estrelas alinharam-se e lá estava o Amor.

Ela ficou com medo, pois não sabia se o Amor a reconheceria. Até que o Amor olhou para ela e sorriu. O Amor sorriu para ela. O Amor chegou para ela.

Então, ela beijou o Amor. O Amor era doce, como ela sempre sonhou. O Amor era quente. O Amor era Amor.

Então, ela parou de procurar, pois já o havia encontrado.

O Amor era tudo o que ela ouviu e leu: um infinito de "*felizes para sempre*".

Às vezes, o Amor gritava, mas ele sempre pedia desculpa.

Uma vez, o Amor chegou tarde, mas, no dia seguinte, deu-lhe rosas.

Outra vez, o Amor mentiu, mas era para o bem dela.

O Amor cuida e comporta-se. Por isso, ela deixou de sair, porque o Amor não a queria nas ruas.

Não importa o que ela fizesse, o Amor estava lá para ela. O Amor era perfeito; ela não. Ela estava cheia de defeitos. O Amor só queria consertá-la.

O Amor é paciente, mas, às vezes, perde um pouco a paciência. Afinal, até o Amor tem limites. Mas ele estava sempre lá. Às vezes, cinco horas depois do esperado, mas ele estava lá. Ele sempre aparecia e desculpava-se.

O Amor é mesmo bondoso.

O Amor estava sempre lá, excepto por algumas noites. Mas ele sempre voltava.

O Amor era atencioso; por isso, constantemente chamava a sua atenção.

O Amor é romântico; ele sempre lhe levava flores depois de a agredir.

Um dia, pediu ao Amor um pouco de paciência, mas ele não deve tê-la ouvido, pois, na noite seguinte, o Amor gritou com ela.

... Não á muito o que escolher quando a morte te pede em casamento...

SOMOS MÁQUINAS?

O corpo humano é incrível. À primeira vista, pode parecer um meca-nismo simples, mas, na verdade, é uma estrutura complexa, um verda-deiro universo microscópico em funcionamento.

Tudo começa com os átomos, as menores partículas da matéria, invi-síveis a olho nu, mas essenciais para a existência de tudo o que conhe-cemos. Unidos, formam moléculas, que dão origem às células, as verda-deiras operárias da vida. Cada célula é como uma cidade em miniatura, cheia de estruturas especializadas que trabalham dia e noite para nos manter vivos.

Elas agrupam-se e formam tecidos, como os músculos que nos permi-tem correr, os nervos que transmitem pensamentos e a pele que nos pro-tege do mundo. Estes tecidos organizam-se em órgãos, que são verda-deiras máquinas biológicas. O coração pode ser o motor, mas não é o protagonista. O verdadeiro protagonista é aquele que me permite escre-ver este texto, aquele que te permite lê-lo: o cérebro, que processa mi-lhões de informações por segundo. Os pulmões são a via pela qual rece-bemos o combustível da vida,ele absorve o oxigénio que nos dá energia.

E, quando estes órgãos trabalham juntos, formam algo extraordinário: um organismo vivo e consciente – nós mesmos!

Somos seres individuais e semelhantes ao mesmo tempo. A nossa estru-tura biológica segue um padrão comum, mas o que nos diferencia é aquilo que nos

torna únicos. Se fôssemos apenas um conjunto de peças mecânicas, não seríamos muito diferentes de um automóvel – e a cor de um carro não faz com que ele ande mais ou menos do que outro.

Somos demasiado fascinantes para permitir que pequenas diferenças de-terminem quem é digno e quem não, apenas porque um gosta de azul e outro de verde. A grandeza do ser humano não está apenas na sua biologia, mas na sua capacidade de sentir, pensar e coexistir com respeito.

Perdoar?

Sabemos que a série está a chegar ao fim quando todos os problemas e dilemas começam a ser resolvidos, os segredos são revelados e, talvez o mais surpreendente, as pessoas são perdoadas. No universo ficcional, o perdão surge quase como um desfecho inevitável, uma redenção esperada que torna tudo mais leve e aceitável.

É incrível como magicamente os personagens sabem exatamente quais palavras devem ser ditas. Ler um livro de mistério como os de Agatha Christie é passar páginas e páginas a questionar-se: "Como raio isto tu-do vai fazer sentido?" E, no entanto, nos últimos capítulos, aquele ema-ranhado de ações desconexas começa a se alinhar, até que o desfecho se revela — lógico, inevitável, quase como se sempre tivesse estado lá. A questão é: o final surgiu antes ou depois do início? Como a autora sabia exatamente o que escrever para nos conduzir até ali?

Mas e na vida real? Existe uma autora invisível que sabe o que faz? Ou estamos apenas a improvisar, sem garantias de que tudo um dia se encaixará?

Na ficção, os personagens não só chegam ao final certo, como também parecem sempre encontrar o momento exato para dizer as palavras mais profundas e acertadas. Na vida real, porém, o perdão não é um elemento narrativo, mas um fenómeno mais complexo. Não é apenas um ato de bondade ou superação, mas um processo intrincado que envolve memórias, ressentimentos e até mesmo a identidade de quem perdoa. Muitas vezes, o silêncio e o afastamento são as únicas respostas possíveis.

A cultura popular romantiza o perdão como um marco de crescimento pessoal, mas até que ponto essa idealização é realista? Se, como sugere a psicanálise, algumas mágoas são estruturantes para a nossa psique, então o perdão seria sempre desejável? Ou seria, como Nietzsche argu-mentaria, uma imposição moral que privilegia a fraqueza em vez da afirmação pessoal?

Talvez a ficção precise do perdão para criar um senso de fechamento e continuidade, algo que a realidade não oferece com tanta generosidade. Afinal, fora das telas, algumas feridas permanecem abertas, algumas histórias não se resolvem, e nem todas as personagens encontram redenção.

...Sou tudo aquilo que não queria ser...

Porta aberta

Ela chega sem pedir licença—afinal, quem pede para entrar na própria casa?

Senta-se sem perguntar se pode, porque a casa é dela. Olha para os cantos sem me olhar nos olhos, como se inspecionasse o lugar antes de se instalar. Então começa—devagar, quase gentil—lança um elogio, arranca-me um sorriso, faz-me sentir bem. Deixa-me à vontade.

Pergunta se estou feliz. Digo que sim.
Pergunta se tudo vai bem. Mais uma vez, digo que sim.
Partilho as minhas alegrias sem perceber que já falei demasiado, que já lhe dei espaço demais.

Ela levanta-se, tranca a porta. Passeia pela casa como quem nunca se foi.
— É como se nada tivesse mudado — diz.

O peito aperta-se-me. Quero discordar, mas as palavras não vêm.
Ela segura-me a mão, fita-me com olhos de espelho e sussurra:
— Nada mudou.

Rio, um riso nervoso. O aperto cresce.

Repito para mim mesma: eu ainda estou a respirar, eu
ainda estou a respirar.

Mas de que vale dizer isso se o ar não chega?

Olho para o espelho.

Não consigo respirar.

O peito contrai-se, o ar falta, começo a hiperventilar.

Ela ri.

— Você continua a mesma — diz, com uma leveza
cruel.

Quero gritar, mas o som não sai.

Preciso de ar. Onde está o ar?

— Calma — diz ela. — Nem fiz nada. Não mereço
tanto mérito.

Caio no chão, encolho-me em posição fetal.

As lágrimas caem, os pulmões falham, os batimentos
ficam longe, irreais.

Pergunto-me: ainda estou viva?

Ela observa-me por um instante, depois vira-se, abre a
porta e vai embora.

E enquanto a vejo partir, só consigo pensar: ela está
certa.

Ela nunca faz nada.

*...estive aqui vezes o suficiente para
saber como termina...*

QUADRADO

CURTA METRAGEM

CENA 1 INT. VAGÃO DO COMBOIO – DIA

A PROTAGONISTA (29 anos) está sentada em uma cabine de trem. Ela segura um diário nas mãos e chora em silêncio. Seus olhos estão fixos nas páginas, enquanto as lágrimas escorrem. A porta se abre suavemente e um CAMAREIRO entra.

Camareiro (CURIOSO)

A senhora... Está bem?

O Camareiro senta ao lado dela, tentando acalmá-la.

Camareiro

Seja o que for... vai passar.

Na vida, só não há solução

para a morte.

Protagonista (SOLTANDO UM SUSPIRO)

Por isso eu choro.

Camareiro (TEMOR E GAGUEIRA)

Você... (engole em seco) você

vai morrer?

Protagonista

Não, mas alguém que eu amei

morreu. Camareiro

(SINCERO)

Meus pêsames.

A Protagonista olha para o

Camareiro e assente a cabeça

de forma positiva, com um

meio sorriso no rosto

CENA 2 EXT. **ESTAÇÃO DE TREM – DIA**

Dois dias depois. A Protagonista sai do vagão com sua mala, caminha até a calçada, tira o telefone da pasta e chama um táxi. Ela se mistura com a multidão até desaparecer na correria da cidade.

CENA 3 INT. **CASA DA PROTAGONISTA – MANHÃ**

A Protagonista se levanta da cama.

Ela abre as janelas, deixando a luz do dia entrar. Caminha até a cozinha, bebe um copo de água e vai ao banheiro. Pouco depois, sai com o cabelo molhado, falando ao telefone enquanto está ao telefone está a arrumar a basta.

Protagonista (ALIVIADA)

Sim... não vou atrasar... eu sei... não te preocupes... calma... tá bom, tá bom. Também te amo. Beijos.

CENA 4 INT. **CASA DO CAMAREIRO – NOITE**

O Camareiro entra em casa. Sua Mãe e irmã estão na sala vendo televisão. Ele as cumprimenta ao entrar.

Camareiro

Boa noite, mãe. Boa noite, mana.

Mãe (AFETUOSA)

Boa noite, filho.

Irmã (ALEGRE)

Boa noite, mano.

A Mãe se levanta e pergunta:

Mãe

Como correu a viagem?

Camareiro

Correu bem, mãe.

Mãe

Teu jantar está no forno.

Camareiro

O que fizeste?

Mãe

Arroz com frango estufado.

Camareiro (SORRINDO)

Pensei que fosse funge.

Mãe

Funge só amanhã. A fubá acabou.

O Camareiro sorri e vai até o quarto. Lá, tira os sapatos, calça e camisa, e deita na cama, lembrando-se da Protagonista no trem, limpando as lágrimas dela.

(Flash black dele a limpar as lágrimas da Protagonista.)

CENA 5 EXT. RUA DA PROTAGONISTA – DIA

A Protagonista sai de casa apressada, ajeitando o cabelo. Duas Vizinhas varrem o portão. Ao longe, ela vê o Camareiro pintando o portão de sua casa. Ele a vê e corre atrás dela, mas não consegue alcançá-la antes que ela entre em um carro.

CENA 6 EXT. RUA DA PROTAGONISTA – FIM DO DIA

O Camareiro está de pé perto do portão de sua casa. Sua Irmã e uma Amiga estão sentadas nas cadeiras brancas próximas, conversando.

Irmã (VISLUMBRA A VIZINHA)

Já viram a vizinha nova?

Amiga (SARCÁSTICA)

Só vi ontem. Toda armada.

Não cumprimenta, parece que somos parede.

Irmã (SEM PACIÊNCIA)

Também só a vi uma vez.

Sabes se mora com alguém?

Amiga (SUSSURRANDO)

A Joana disse que ela mora sozinha.

Irmã (LEVEMENTE IRRITADA)

Hum, mora sozinha e não cumprimenta os vizinhos?

Essas não sabem que vizinho
é família.

Amiga (RI BAIXO)

Não lhe deram educação.

Neste momento, a Protagonista sai de um carro estacionado. O Camareiro a vê e vai ao encontro dela.

Camareiro (ESTENDENDO A MÃO)

Estás melhor?

A Protagonista vira-se, confusa.

Protagonista

Melh...? Você?

Camareiro (SORRINDO)

Sim, aparentemente somos vizinhos.

Protagonista (SURPRESA)

Como está? Quer entrar?

Eles entram na casa dela. A irmã do Camareiro e a amiga observam.

Amiga (COM INTRIGA)

Esse conhece ela de onde?

Irmã

Também não sei.

Elas se entreolham, cochichando.

CENA 7 INT. CASA DA PROTAGONISTA – NOITE

Na cozinha, a Protagonista serve vinho em duas taças. Ela vai até a sala, onde o Camareiro está sentado, visivelmente nervoso. Ela lhe entrega uma taça, toma um gole da sua e senta no cadeirão ao lado dele.

Camareiro (SORRINDO)

Luanda é do tamanho de uma uva.

Protagonista (SORRINDO DE VOLTA)

Realmente... nunca pensei que voltaria a te ver.

Camareiro (MAIS SÉRIO)

Eu também não. Mas estaria a mentir se dissesse que não fiquei feliz.

Ele segura a mão dela.

Camareiro

Você acreditaria se eu dissesse que não parei de pensar em ti desde aquele dia?

Protagonista (BRINCANDO)

Alerta red flag.

Camareiro (CONFUSO)

Red o quê?

Protagonista

Red flag. É como uma
bandeira vermelha. Um sinal
de alerta.

(rindo) Red flag, significa
bandeira vermelha. É um
termo para avisar que existe
algum perigo.

Camareiro

Perigo?

Protagonista (SÉRIA)

É que eu já vi esse filme
antes e sei bem como ele termina.

Camareiro

E como é que ele termina?

A Protagonista dá um grande gole no vinho e termina
a taça. ela vira-se para ele fala a olhar no olho dele.

Protagonista

Com eles na cama.

Camareiro

Tudo o que você me contou
era verdade?

Protagonista

O que é a verdade?

Camareiro

Factos reais e incontestáveis.

Protagonista

Nada é incontestável. Não existe verdade absoluta. Eu só conheço o meu lado da história.

Camareiro

A verdade é a verdade.

Protagonista

Eu concordo, só que a minha verdade não é a tua verdade.

Camareiro

Como?

Protagonista

Se nós os dois estivermos num carro, eu olhar para o lado direito e você para o esquerdo, eu vou ver um acidente e você vai ver uma montanha. Vamos sair do carro com histórias diferentes, mas isso não significa que uma história é mais verdadeira que outra.

Camareira

Então a história não era totalmente verdadeira?

Protagonista

Era a minha verdade.

Camareiro

A verdade não é absoluta.

faz se silêncio

Camareiro

não é solitário?

Protagonista

Morar sozinha ou viajar?

Camareiro

Morar sozinha e viajar, você nunca tem tempo para criar laço.

Protagonista

E não é estranho estar sempre rodeado das mesmas pessoas que conheceste desde o teu nascimento?

Camareiro

Não, na verdade é satisfatório saber que não importa para onde eu vá, sempre terei onde voltar e um jantar quente à minha espera.

Protagonista olha fixamente para o Camareiro e os dois ficam em silêncio.

Protagonista

Amanhã trabalhas?

Camareiro

sim.

Camareiro olha para o telefone.

Camareiro

E falando em trabalho, amanhã tenho de ir.

Protagonista

Você vai viajar pra onde?

Camareiro

Malange.

Protagonista

Quando é que voltas?

Camareiro

Depois de amanhã.

Protagonista

Então nos vemos depois de
amanhã.

O Camareiro sorri e sai da casa.

Cena 8 Local: Casa do CAMAREIRO – Noite

Na sala, a Mãe e a Irmã do Camareiro conversam.

Irmã

Mãe, adivinha quem é amigo
da vizinha nova? Mãe

Hum... quem?

Irmã

O mano. Hoje lhe vi a entrar
na casa da vizinha, e ela mora
sozinha. Mãe

Eh eh, esse miúdo vai me
trazer azar. Mas pessoa que
ninguém conhece no bairro é
já pra ficar tua amiga?

Irmã

Eu também não sei, mãe.

Mãe

Ele está onde?

Irmã

No quarto.

Mãe

Chama ele pra comer, o funge vai esfriar.

CENA 9 INT QUARTO DO CAMAREIRO- NOITE

A Irmã entra no quarto, ele está deitado.

Irmã

A mama está a te chamar para
jantar, tua comida vai esfriar.
Vais rir.

Camareiro (DE DENTRO DO QUARTO)

Estou a vir!

Cena 9 int: Casa da PROTAGONISTA – Noite

A Protagonista está em casa, de cueca e camisa,
deitada num cadeirão com o computador na mão,
ouvindo música. Quando começa a tocar uma música
de Jacques Di Quadrado, ela se levanta, aumenta o
som da TV e começa a dançar. Alguém bate à porta.

Protagonista

Quem é?

Camareiro

Sou eu.

Protagonista

Me dá só um minuto.

Ela sai da sala, vai em direção ao quarto, e volta
vestindo um vestido, vai até a porta e abre, o Cama-
reiro está com uma mochila nas costas e entra na casa
da Protagonista.

Camareiro

Pelos vistos, não fui
convidado para a festa.

Protagonista (IRÔNICA)

E você veio mesmo assim.

Camareiro

É como dizem, não existe
festa sem pato. Ainda bem
que trouxe presente.

Protagonista

hum, o que será?

Camareiro tira a mochila das
costas e entrega um diário
para a Protagonista.

A Protagonista abriu o diário,
desfolhou e deu um abraço no
Camareiro.

Camareiro

Agora você tem um diário novo para continuar a
escrever as tuas histórias.

O primeiro capítulo pode ser sobre mim.

Protagonista olha para o Camareiro e diz de forma
seria.

Protagonista

sim o primeiro capítulo será sobre você.

Camareiro

Espero poder ler um dia.

Protagonista

Não conta com isso, afinal é
um diário.

o Camareiro se senta.

Protagonista vai à cozinha. O Camareiro começa a
observar os objetos na sala. Protagonista volta com
dois copos de vinho.

O Camareiro, atrapalhado, deixa cair um enfeite.

Protagonista

Você gostou?

Camareiro

Acho que não faz muito o
meu estilo.

Protagonista

Nem o meu.

Camareiro

Mas está na tua sala.

Protagonista

Comprei de uma criança que
estava a zungar porque fiquei
com pena.

Camareiro

Você tem um coração grande.

Protagonista

Acho que é do mesmo
tamanho que o teu.

Camareiro

Quanto tempo você fica aqui?

Protagonista

Segundo o meu chefe, por
mais três meses. Mas nada é
garantido.

Camareiro

Você tem muitos amigos?

Protagonista levanta a mão, conta nos dedos.

Protagonista

Acho que só você.

Camareiro

Somos amigos?

Protagonista

Você sabe mais sobre mim do que a minha mãe. Se não formos amigos, eu teria de te matar.

Camareiro ri e dá um gole no vinho. Ele tosse, toma mais um gole e faz uma expressão de dor.

Camareiro

Esse vinho é forte.

Protagonista

Sim, é um vinho seco. Você não gostou?

Camareiro

Na verdade, não entendo nada de vinhos. Sou mais da cerveja. Só tomo vinho quando estou aqui.

Protagonista

Devias ter dito, eu teria saído pra comprar.

Camareiro

Não se preocupa, estou a aprender a gostar. Agora já sei o que é vinho seco. Não quer dizer que ele não tem água.

Continuam a conversar enquanto bebem. Ambos levantam-se e caminham até a porta. O Camareiro sai e a Protagonista fecha a porta.

Cena 11 EXT: Rua do CAMAREIRO – Noite

O Camareiro sai da casa da Protagonista e caminha em direção à sua casa. Duas vizinhas (19 e 20 anos), paradas na rua a partilharem paracuca, elas olham para o Camareiro trocam olhares, uma delas continua a comer a outra fecha a cara e recebe o saco de paracuca.

Cena 12 Local: Casa do CAMAREIRO – Dia

Mãe do Camareiro está no quintal estendendo roupa.

Mãe

Mas esse miúdo não vai
trabalhar hoje?

Ela vai até o quarto dele e para na porta.

O Camareiro está deitado, coberto, tremendo de dor.

Mãe

Camareiro, você não vai se
atrasar?

Camareiro

Estou a me sentir mal.

A mãe entra, preocupada, e toca a testa do Camareiro.

Mãe

Levanta, vamos ao hospital.

Camareiro

Pra quê? Pra falarem que é
paludismo?

Mãe

Lá pelo menos vão te dar algo para a dor baixar.

Camareiro

Já tomei um comprimido.

Daqui a pouco a dor passa.

Deve ser febre por causa do
clima.

Cena 13 Local: Casa da PROTAGONISTA – Dia

A Protagonista está na sala, comendo no chão, quando
o Camareiro entra, que está sem luz.

Camareiro

Posso entrar já entrando?

Protagonista

Sinta-se à vontade.

A Protagonista se levanta, dá um abraço no Cama-
reiro. Depois ambos sentam no chão.

Protagonista

Você está melhor? Eu queria
ir te ver, mas achei melhor
não. As vizinhas parecem não
gostar de mim.

Camareiro

Não se preocupa, já estou
melhor. Essas vizinhas não
sabem nada.

Protagonista

Incluindo tua mãe e tua Irmã.

Camareiro

A minha mãe é de uma época diferente. Você sentiu a minha falta?

Protagonista

Eu mentiria se dissesse que não.

Camareiro

Então não mente.

Protagonista

Sim, eu senti.

Camareiro

Hoje não tens nada molhado ou seco?

Protagonista

Então, não sei se sabes, mas parei de

beber porque um certo amigo está doente. E até onde sei, doentes não devem beber, mas tem sumo.

Camareiro

mesmo com medo que isso quebre a magia, eu aceito.

A Protagonista segura a mão do Camareiro.

Protagonista

A única forma de quebrar essa magia seria, se um de nós morrer.

Sai e vai até a cozinha, fica parado hipnotizado a olhar para a Protagonista.

A Protagonista entra na sala, entrega a o sumo, senta no chão ao lado do Camareiro, ambos começam a cantar a música do Jackies Di.

Protagonista da um beijo na boca dele, e os dois fazem sexo no chão.

Cena 15 local rua ext noite

Na rua estão a Irmã e uma Vizinha a jogarem semalha. A Protagonista sai de casa com o Camareiro que estava com as mãos no estômago e com uma expressão de dor, a Irmã vê o Camareiro e vai a correr até ele.

Irmã

Aconteceu o quê?

Protagonista

Não sei, numa hora ele estava bem e de repente começou a se sentir mal.

O Camareiro começa a falar em gemidos

Camareiro

Não sei o que houve, meu estômago só

começou a doer.

Irmã

Vou ir chamar a mama para
irmos ao hospital.

Protagonista

Eu posso chamar um carro.

Camareiro

Não se preocupa, vou
conseguir pegar um taxi.

Protagonista

Nem pensar. Vou chamar um
carro, eu pago.

Camareiro

Não se preocu...

Irmã

Se ela disse que vai pagar,
deixa só ela pagar, to a vir.
Estou a ir chamar mama.

Cena 16 local casa do CAMA-
REIRO int dia

A Mãe está no quintal, a preparar um chá com cura
tudo, o Protagonista está ao lado deitado no loando, a
Mãe se aproxima dele e lhe faz tomar o chá. Ele cospe
um pouco, mas a Mãe lhe obriga a engolir levantado a
cabeça dele e tampado a boca.

Uma Vizinha de meia idade entra.

Vizinha

Com licença nessa casa, já irei.

Mãe

Entra mana.

Vizinha

Vim ver o miúdo, então to a chegar agora do óbito do Irmão do meu inquilino e a miúda me disse já que tás com doente em casa. Ele tem então o quê?

Mãe

Rhum, até nem sei, já rodamos todos hospitais, mas nada. É mana senta então. Vais mesmo desculpar.

A Vizinha pega uma cadeira branca e senta. Começam a falar em kimbumdo.

Vizinha

será que no é feitiço?

Mãe

Estou mesmo a desconfiar.

Vizinha

Rhum, se é feitiço vamos encontrar quem está a fazer isso, bom moço. Nunca deu problema memo, filho que está a aguenta a mãe e a Irmã.

Mãe

Já me levaram o marido, querem mais me levar o filho.

Vizinha

E no trabalho no vão lhe chorar.

A mãe responde em português.

Mãe

Graças a deus ele trabalha no estado. No estado não chotam.

Cena 17 local casa do CAMAREIRO dia int

No quintal está um caixão, tem a fotografia do Camareiro no porta retratos, a mãe está sentada junto com a irmã enquanto as pessoas vão dar as condolências, algumas pessoas choram, outras estão a jogar carta.

Cena 18 local estação de comboio dia

Voltamos a cena inicial, a Protagonista está com a cabeça apoiada no ombro do Camareiro, fecha o diário, olha para ele e diz.

Protagonista

O amor ou mata você ou você mata ele.

E foi assim que eu matei você.

O Camareiro desaparece, mostrando que era só imaginação dela.

FIM...

...A morte nunca se atrasa..

HISTÓRIAS VIVIDAS
Pessoas LGBTQ+ Existem
em Angola e São Importantes



